

CENTRO UNIVERSITÁRIO INTERNACIONAL UNINTER
Curso de Comunicação Social – Jornalismo

ÍSIS MAÉVE SOBRINHO

**JORNALISMO HUMANIZADO: ANÁLISE DA COBERTURA DA FOLHA DE S.
PAULO SOBRE A EPIDEMIA DO EBOLA NA ÁFRICA**

CURITIBA
2016

ÍSIS MAÉVE SOBRINHO

**JORNALISMO HUMANIZADO: ANÁLISE DA COBERTURA DA FOLHA DE S.
PAULO SOBRE A EPIDEMIA DO EBOLA NA ÁFRICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para
obtenção do grau de bacharel em Comunicação Social
com Habilitação em Jornalismo ao Centro Universitário
Internacional UNINTER

Orientador: Prof.^a Dr^a. Eloisa Beling Loose

CURITIBA
2016

*Dedico ao meu maior incentivador na vida.
Wilson Júnior. Meu pai, meu exemplo!*

AGRADECIMENTOS

Coloco aqui, de todo coração, minha gratidão a todos que estiveram comigo ao longo desse projeto.

Agradeço à minha orientadora Eloisa Beling Loose, pela paciência e dedicação na colaboração desse projeto. Pelos momentos em que as orientações deixaram de ser apenas para o projeto de monografia, mas também passaram a ser conselhos pessoais como muitos: “Calma, vai dar certo” e alguns: “Agora descanse por um tempo”. Uma ternura sem fim.

Sou eternamente grata aos mestres que me acompanharam ao longo desses quatro anos de jornada. Professora Meg, alto astral de primeira, com aulas seguidas sempre com muitas risadas. Ao professor Eugênio, pelas maravilhosas trocas literárias. À professora Diana, incentivadora e apoiadora de novas ideias. Ao professor Juliano, por aguentar os alunos de jornalismo reclamando que não precisam de design (descobrimos a importância na marra, professor! Rsrs). Ao professor Tatá por trazer as melhores aulas de história. Ao professor Valdir por dividir toda a sua experiência com a gente. Ao professor Régis e à professora Alessandra, por nos colocar na fogueira com toda cautela do mundo, nem dá pra acreditar que aquelas gravações saíram. À professora Máira, pelo exemplo de mulher a ser seguido. À professora Sionelly, Sio, por mostrar um novo olhar ao jornalismo, com delicadeza e sensibilidade. Ao professor Jhaison por trazer tanto conhecimento em sala de aula. À professora Daniela pela dedicação. Ao professor Luís Otávio, pela resignação. Ao professor Rodrigo, que entrou nos 45 do segundo tempo, obrigada pela paciência em aguentar as tagarelas de jornalismo (rs). Ao professor Marcos, por ensinar a nos defender de todos os riscos. Ao professor Nicolato, Nico, por dividir a paixão pelo jornalismo. E aos professores e coordenadores, Guilherme e Patrick, pela confiança em compartilhar tanta sabedoria.

Agradeço ainda aos colegas de classe, aos que ficaram e aos que seguiram outro rumo. Obrigada por fazer das nossas noites momentos mais leves (apesar de algumas

brigas e discussões, tudo deu certo no fim) Obrigada por compartilhar sonhos e acreditar sempre em nossa futura profissão.

Agradeço aos amigos da vida. Por terem passado todos os obstáculos ao meu lado e acreditarem comigo que tudo daria certo. Em especial: Morgana Obara, Renata Gudeiky, Aline Derksen, Letícia Zanlorensi, Mariana Martins, Sofia Gartner. Vocês fazem a diferença.

Por fim, agradeço a toda minha família, pelo apoio e pela força, por confiar que tudo sempre dará certo no fim. Por não deixarem a “peteca” cair nos momentos de crises. Vocês são bases, são pilares e são tetos. Obrigada por acreditarem.

“A dor da gente não sai no jornal”

Chico Buarque de Holanda

RESUMO

No ano de 2014 iniciou-se um surto de Ebola, que atingiu países da África Ocidental. Considerado o pior surto epidêmico já ocorrido, dessa vez o Ebola tinha risco de contágio global. Para alguns, a mídia foi extremamente alarmista, causando alarde na população; para outros, cumpriu o seu papel de informar e levar conhecimento as pessoas. Este trabalho explora o jornalismo humanizado ao analisar o uso de elementos que geram humanização nas matérias produzidas pela Folha de S. Paulo de abril de 2014 à julho de 2016, quando a Organização Mundial de Saúde declarou o fim da epidemia. Foi realizada Análise de Conteúdo em 78 matérias, a partir de categorias formuladas a partir do referencial teórico do jornalismo humanizado. Dentre os resultados da pesquisa, constata-se que a Folha de S. Paulo não apresenta elementos do jornalismo humanizado, exceto quando envia uma jornalista para o local da epidemia. Verifica-se que o jornal tornou relevante a cobertura da epidemia do Ebola a partir do momento em que houve um norte-americano infectado. Outro fator detectado é a quantidade de matérias produzidas com dados e informações vindas de agências de notícias, descartando-se, assim, o valor humanizador. Identifica-se também um jornal alarmista, com prognósticos negativos e que causa agitação social.

Palavras-chave: cobertura jornalística; epidemia do Ebola; Folha de S. Paulo; jornalismo humanizado; humanismo.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Distribuição das matérias e do corpus de pesquisa no período da análise	43
Gráfico 2 - Comparativo do total de matérias x matérias com dados fornecidos pela OMS no ano de 2014	44
Gráfico 3 - Comparativo do total de matérias x matérias com dados fornecidos pela OMS no ano de 2015.....	44
Gráfico 4 - Comparativo do total de matérias x matérias com dados fornecidos pela OMS no ano de 2015	44
Gráfico 5 -Quantidade de fontes por grupos analisados por meses.....	46
Gráfico 6 - Corpus x menção à OMS.....	47
Gráfico 7 - Distribuição do corpus pela categoria da pesquisa.....	49
Gráfico 8 - Casos de mortes do ebola por países.....	62

LISTA DE FIGURA

Figura 1 - Infográfico Folha de S. Paulo, 9 de agosto de 2014.....	64
Figura 2 - Infográfico Folha de S. Paulo, 17 de agosto de 2014.....	65

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Quantidade de citações por fonte de informação.....68

Tabela 2 - Total de matérias publicadas pela Folha de S. Paulo com a citação da palavra ebola.....70

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 METODOLOGIA.....	15
3 SOCIEDADE E HUMANISMO: ANTES DE DISCUTIR O JORNALISMO.....	21
4 JORNALISMO HUMANIZADO: ASPECTOS PARA PENSAR O CONCEITO.....	27
5 A COBERTURA DA FOLHA DE S. PAULO SOBRE A EPIDEMIA DO EBOLA, NA ÁFRICA.....	37
6 ANÁLISE DAS NOTÍCIAS.....	42
6.1 ANÁLISE QUANTITATIVA.....	42
6.2 ANÁLISE QUALITATIVA.....	48
6.2.1 O controle da doença.....	50
6.2.2 Causas da propagação da doença.....	54
6.2.3 Auxílio para a doença.....	56
6.2.4 A estigmatização da doença.....	58
6.2.5 O prognóstico em relação a doença.....	60
6.2.6 Sobre o ebola, o que é a doença?.....	62
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	66
REFERÊNCIAS.....	70

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como tema principal a humanização (ou a desumanização) da cobertura jornalística sobre a epidemia do Ebola realizada pelo jornal Folha de S. Paulo¹. Para isso, esclarecem-se os pontos que tornam o jornalismo mais humanizado e, da mesma forma, os pontos que o desumanizam. Como objetivo, busca-se identificar fatores desumanizadores ao longo da cobertura da epidemia no jornal utilizado para pesquisa. Uma das principais fontes de estudo utilizado será Jorge Kanehide Ijuim (2012), que vai suscitar questionamentos sobre o jornalismo humanizado e a importância de uma sociedade humanizada. Ijuim (2012) tem como principal fonte de sua pesquisa a obra de Salvatore Puleda (1999), responsável pela compilação dos fatores que se utilizará na pesquisa como ponto de partida para determinar o que é humanização e desumanização.

O problema norteador deste trabalho é identificar se a Folha de S. Paulo produz jornalismo humanizado. O surto epidêmico analisado ocorreu em alguns países da África, com maior significância em Serra Leoa, Guiné e Libéria, no período de março de 2014 a junho de 2016, segundo registros da Organização Mundial de Saúde (OMS).

O país mais atingido pelo Ebola foi Serra Leoa, segundo Cláudia Lima, Serra Leoa é um país, predominantemente, da religião é a muçulmana, com cerca de 60% da população; os outros 40 % se concentram nas religiões locais e no cristianismo. O país é o sétimo país mais pobre do mundo e sofreu com guerras civis por pouco mais de uma década, responsáveis por deixar o país devastado. Com o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) mais baixo do mundo, sua expectativa de vida é de 56 anos e a cada mil crianças nascidas, apenas 77 sobrevivem. Além de todos os problemas socioeconômicos, o país ainda sofre como surtos epidêmicos de febre amarela, cólera, meningite, febre de lassa e malária, segundo Claudia Lima (2003).

Guiné é um país que foi dominado pelos franceses. Primeiramente, um país ditatorial, de economia fechada e caráter socialista. Intolerante aos direitos humanos, à liberdade de expressão ou à oposição política. Hoje, Guiné é governada por uma

¹ A Associação Nacional de Jornais (ANJ), principal órgão regulamentador dos jornais brasileiros considera o jornal Folha de S. Paulo como um jornal de referência no Brasil, sendo ele o jornal com maior circulação no país no ano de 2014, 2015 e no primeiro semestre de 2016 - período que iremos utilizar para realização da pesquisa quantitativa e qualitativa do trabalho.

junta militar. E foi onde iniciou-se a epidemia do Ebola. A Libéria é um dos poucos países africanos que não foi dominado por europeus; fundada por escravos americanos libertos, passou por um golpe de estado, duas guerras civis e possui uma economia devastada, sendo hoje considerado o país mais corrupto do mundo, segundo Lima (2003).

Antes da realização de análise jornalística define-se aqui algumas hipóteses do que se pode encontrar ao final da pesquisa. De início, parte-se do princípio de que não há elementos do jornalismo humanizado no jornalismo de referência, no qual se pode enquadrar a Folha de S. Paulo. Essa ideia surge por considerarmos a predominância da função comercial no jornalismo atualmente. Segundo Kovach e Rosentiel (2003, p.188), “A maioria dos jornais são interligados a instituições que visam lucros, o que dificultaria a auscultação das pessoas para assuntos abstratos, como ética ou questões de consciência.” Outra hipótese levantada é que, quando o jornalista está presente no local do desastre, há a possibilidade de produzir matérias mais humanizadas, uma vez que o jornalismo feito à distância resulta na produção de notícias baseadas em estatísticas e informações recebidas, sobretudo, de agências de notícias. No caso do Ebola, a Folha de S. Paulo optou por encaminhar correspondentes até o local da tragédia, mesmo que por um curto período de tempo.

Esta pesquisa realiza uma análise quantitativa e qualitativa das matérias que referenciam a epidemia do Ebola, em um jornal dito de referência no Brasil. A análise será feita por meio de categorias que tratam do jornalismo humanizado, a fim de verificar se o citado veículo possui preocupação com os preceitos do humanismo. Para tanto, a metodologia utilizada é a Análise de Conteúdo (AC) e tomam-se os parágrafos das matérias como unidades de análise.

Este trabalho justifica-se ainda a partir da dificuldade de se discutir o conceito de jornalismo humanizado, considerado ainda novo e com pouco literatura em língua portuguesa para pesquisa, embora o humanismo esteja presente em diferentes disciplinas dos cursos de Jornalismo. A escolha da epidemia do Ebola ocorre por sua relevância social, já que é um assunto que atinge toda a sociedade e foi considerado um risco global.

Os países mais afetados pelo Ebola encontravam-se em situação de grande vulnerabilidade, com pouca estrutura na área de saúde pública e baixo investimento em saneamento básico, o que tornou a epidemia na África, um risco de abrangência

mundial ². Através deste trabalho, aborda-se a importância da profissão do jornalista diante de uma epidemia com risco global, discute-se sobre humanização no jornalismo de um dos principais jornais de referência do país e exemplificam-se questões que humanizam e desumanizam o jornalismo. A jornalista e pesquisadora Cremilda Medida (2003, p.40) diz que uma das formas de humanizar o jornalismo é “abandonar o conforto das fórmulas engessadas nos manuais jornalísticos e ir ao mundo para viver o presente, as situações sociais e o protagonismo humano”.

Ijuim (2012) traz algumas teses que podem tornar os meios midiáticos mais humanizados, que vai desde colocar o ser humano como centro de preocupação até o repúdio à violência. Para isso, é necessário abandonar antigas crenças já saturadas no jornalismo.

Ao se dispor a pensar no futuro, denota-se a determinação de relevar o mal-estar e as angústias passados e a olhar de forma otimista e pacífica para um novo tempo. A visão internacionalista não aspira um mundo uniforme, mas que se reconheça e se respeite as diferenças. Se o desejo é um mundo igualitário, as relações de poder – de qualquer tipo – devem ser repensadas, pois estas levantam muros. Daqui podemos extrair, então, alguns vícios [aquilo que avilta e desumaniza] desenvolvidos pela sociedade e ainda não foram superados coletivamente: crença nas verdades absolutas; sede de poder; intolerância; recusa e ignorância pela cultura do outro; desrespeito ao diferente e às diferenças. (IJUIM, 2012, p.123)

O trabalho do jornalista tem um papel essencial na sociedade. Informar a população é uma dessas atribuições e, por consequência, o jornalismo acaba por formar a opinião de uma comunidade. Há várias maneiras de informar a comunidade, essas maneiras acabam por influenciar uma sociedade. Max Weber (1985, p.67) traz em seu livro “*A Política como Vocação*” a ideia de que o trabalho do jornalista muitas vezes é incompreendido:

O jornalista pertence a uma espécie de casta de párias, que é sempre estimada pela ‘sociedade’ em termos de seu representante eticamente mais baixo. Daí as estranhas noções sobre o jornalista e seu trabalho. Nem todos compreendem que a realização jornalística exige pelo menos tanto ‘gênio’ quanto a realização erudita, especialmente devido à necessidade de produzir imediatamente, e de ‘encomenda’, devido à necessidade de ser eficiente, apesar de suas condições de produção serem totalmente diferentes. Raramente as pessoas dão-se conta que a responsabilidade dos jornalistas é, na verdade, muito maior do que a dos intelectuais.

² Informação retirada do site da ONU Brasil. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/oms-para-cada-dolar-investido-em-agua-e-saneamento-economiza-se-43-dolares-em-saude-global>. Acesso em: 12 mai 2016.

Diante de questionamentos sobre a ética, a eficácia e a eficiência do trabalho do profissional do jornalismo, aborda-se a importância de um jornalista especializado para lidar com temas humanitários. No Blog DoFront³, situado no portal do Estadão, a jornalista Adriana Carranca discute sobre o jornalismo humanizado. Carranca diz que esse tópico do jornalismo abrange três principais quesitos: 1. conflitos armados; 2. epidemias; e 3. desastres naturais. Para nortear este projeto, propõe-se o tema ‘epidemias’, e como recorte específico, a epidemia do Ebola que ocorreu na África Ocidental, com início no ano de 2014.

Na sequência do trabalho, o capítulo 2 apresenta a metodologia utilizada na pesquisa, baseada na AC, a partir de suas abordagens qualitativa e quantitativa. Descreve-se como será elaborado a pesquisa, a criação das categorias e a descrição da metodologia utilizada para a pesquisa. No capítulo 3, aborda-se a humanização na sociedade no mundo pós-moderno e suas interferências midiáticas. No capítulo seguinte, o capítulo 4, destaca-se os pontos que humanizam e desumanizam o jornalismo, discutindo cada fator, a fim de se familiarizar para efetuar uma análise qualitativa com mais profundidade. Subsequente a esse capítulo, entra-se na parte contextual referente ao jornal Folha de S. Paulo e sua cobertura da epidemia do Ebola nos anos 2014, 2015 e 2016. No capítulo 6, realiza-se a análise de conteúdo nas matérias selecionadas do jornal de referência já citado. Essa análise será quantitativa, com levantamento de dados demonstrados em tabelas e gráficos, e qualitativa, na qual se pretende identificar, a partir dos pontos citados no capítulo 4, os fatores que humanizam ou desumanizam o jornalismo. Por fim, apresentam-se as considerações finais.

³ O Blog DoFront (<http://internacional.estadao.com.br/blogs/adriana-carranca/>) está situado no portal do Jornal Estadão, feito pela repórter especial Adriana Carranca, que escreve principalmente sobre conflitos, religião, direitos humanos e causas feministas.

2 METODOLOGIA

Este projeto tem como objeto empírico de pesquisa a cobertura da epidemia do Ebola, nos anos de 2014, 2015 e 2016, do jornal Folha de S. Paulo. As matérias analisadas na pesquisa foram conseguidas por meio das edições impressas digitalizadas, disponíveis no acervo online do jornal (<http://acervo.folha.uol.com.br/>)⁴. Para escolher as matérias que compõem o *corpus* de pesquisa, selecionaram-se os materiais jornalísticos, por meio de mecanismo de busca, com a palavra-chave “Ebola”. Feito isso, o site apresentou todos os jornais, que na época foram impressos e hoje estão digitalizados, que tinham a palavra “Ebola”. A pesquisa realizada mostra que houve 798 páginas com a citação da palavra “Ebola” desde o ano de 1986 até o mês de julho de 2016. Para esta pesquisa, utilizou-se os jornais dos anos de 2014 (com 362 páginas), 2015 (com 72 páginas) e 2016 (com 58 páginas). No entanto, foi necessário um recorte.

As matérias localizadas pela pesquisa são organizada pela própria página do acervo em pastas e subpastas, assim dispostas: ano > meses > dia > editoria. Através disso, consegue-se acessar todas as matérias na íntegra. A busca localiza qualquer informação que contenha a citação da palavra “Ebola”. Muitas dessas citações, são apenas chamados para encaminhar o leitor a ler as matérias na *Folha Online*. Ou seja, mesmo sem ter uma matéria efetiva naquela edição do jornal impresso, a pesquisa irá mostrar algo em seu resultado. Há, também, citações do termo feitas fora do contexto da epidemia, o que exigiu uma filtragem para selecionar as matérias que foram utilizadas nas análises a fim de identificar os elementos do jornalismo humanizado.

Para compor o *corpus* da pesquisa, fez-se uma triagem das matérias sobre o tema no período de 2014 à 2016, selecionando-se apenas os conteúdos jornalísticos que continham no título a palavra “Ebola”. Com isso, reduziu-se a 111 matérias a serem analisadas. Por ainda ser um grande número, optou-se por fazer uma segunda triagem, a partir das editorias, eliminando crônicas, cadernos internacionais, cadernos de esporte e entrevistas, que levou ao número final de 78 matérias. Fez-se isso a fim de aplicar a análise apenas nas matérias com maior foco sobre a epidemia, descartando-se assim matérias onde a palavra “Ebola” era referenciadas fora de seu contexto epidemiológico.

⁴ Não foram utilizadas matérias da versão online da Folha de S. Paulo para esta análise

Antes da pesquisa empírica, realizou-se uma pesquisa exploratória, como apresenta Antônio Carlos Gil (1996). Nesse tipo específico de pesquisa, utiliza-se o fator analítico, proporcionando maior familiaridade entre o pesquisador e o problema da pesquisa. O resultado esperado é detectar e/ou provar algo.

Estas pesquisas têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições. Seu planejamento é, portanto, bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado (GIL, 1996, p.45).

Gil (1996) ainda explica que esse tipo de pesquisa pode ser complementada pela pesquisa bibliográfica e pelo estudo de caso. Neste projeto, opta-se apenas pela pesquisa bibliográfica, que consiste em: determinação de objetivos, elaboração de plano de trabalho, identificação de fontes, localização de fontes e obtenção de material; leitura do material; tomada de apontamentos; confecção de fichamentos e redação do trabalho.

As leituras exploratórias podem ser resumidas como aqueles que permitem relevância ao conteúdo a ser estudado para enriquecer o objeto de pesquisa.

Essa é uma leitura rápida do material bibliográfico, que tem por objetivo verificar em que medida a obra consultada interessa à pesquisa. A leitura exploratória pode ser comparada à expedição de reconhecimento que fazem os exploradores de uma região desconhecida. (GIL, 1996, p.67)

Para realizar as análises da cobertura do jornal Folha de S. Paulo, com referência ao Ebola, utiliza-se aqui a análise de conteúdo midiática, que traz uma concepção mais ampla onde se reflete um método de investigação social destinado a identificar técnicas de pesquisa, segundo Fonseca Junior (2009). Para este autor, essa técnica de pesquisa permite a descrição de conteúdo objetivo, sistemático e quantitativo inseridos na comunicação.

A Análise de Conteúdo (AC) teve seu crescimento no século XX, nos Estados Unidos, por necessidade de produzir análises mais objetivas. Bardin (1988) diz que, a partir de então, a análise de conteúdo teve um crescimento geométrico. A AC já é amplamente utilizada no campo do Jornalismo como método para detectar tendências e modelos, em análises de critério de noticiabilidade, enquadramento e agendamento.

Dentro deste método, pode-se escolher perspectivas qualitativas, quantitativas e comparativas. A principal característica dessa abordagem metodológica é que ela valoriza tanto o lado qualitativo quanto o lado quantitativo, sendo este seu aspecto híbrido (BAUER, 2002). A variação entre os dois lados dá valor à pesquisa. Além disso, a análise de conteúdo da mídia ajuda a entender quem produz e quem recebe a notícia.

Albert Kientz (1973 *apud* HERSCOVITZ, 2008) diz que a análise de conteúdo realizada no meio midiático ajuda a perceber o modo de se comunicar com a massa ao fazer comparativos nas atitudes de diferentes jornais. Herscovitz (2008) trata do estudo sobre a análise de conteúdo já aplicado diretamente ao Jornalismo. Para ela, a análise de conteúdo jornalístico pode ser definida como:

[...] método de pesquisa que recolhe e analisa textos, sons, símbolos e imagens impressas, gravadas ou veiculadas em forma eletrônica ou digital encontrados na mídia a partir de uma amostra aleatória ou não dos objetivos estudados, com o objetivo de fazer interferência sobre seus conteúdos e formatos enquadrando-os em uma categoria previamente testada, mutuamente exclusiva e passíveis de replicação (HERSCOVITZ, 2008, p.126-127).

A análise de conteúdo se divide em três etapas. Na primeira etapa, tem-se a pré-análise, onde define-se a problematização da pesquisa. No caso desta pesquisa, identificar os pontos que humanizam e desumanizam o jornalismo feito sobre a epidemia do Ebola na Folha de S. Paulo é o foco da análise. Através dessa problematização, elaboram-se as hipóteses para possíveis respostas a serem encontradas para essa questão. Parte-se do princípio de que não há elementos humanizados sendo utilizados nas reportagem da Folha de S. Paulo sobre o tema selecionado, justamente por este tipo de jornalismo não ser o mais utilizado nas coberturas de veículos diários (mesmo que o tema seja propício para isso, como é o caso da epidemia do Ebola).

Na segunda etapa, faz-se a exploração do material a ser analisado. Nesta fase selecionam-se todas as matérias que serão utilizadas, a partir delas é possível fazer uma análise quantitativa e outra qualitativa. É a fase de exploração das matérias jornalísticas. Essa etapa envolve a escolha das unidades, a enumeração e a classificação. Neste trabalho, optou-se por trabalhar com categorias associadas ao referencial teórico, a serem descritas mais adiante.

E, por último, a terceira etapa corresponde ao tratamento, à inferência e à interpretação de dados. Esta fase consiste nas respostas geradas pelos questionamento produzidos na primeira etapa. Essas respostas podem estar de acordo com as hipóteses elaboradas, que é o que se pretende provar, que não há humanização nas reportagem, já que as hipóteses são possíveis respostas em que se quer encontrar. Porém, nem sempre encontram-se as respostas de acordo com as hipóteses. Por vezes, chega-se a deduções contrárias, o que também é válido para a pesquisa.

Gil (1996), ressalta que a conclusão da pesquisa deve deixar claro que os resultados derivam exclusivamente de dados empíricos coletados. O autor destaca que o intuito principal da pesquisa é sempre encontrar conclusões verdadeiras, mas que se deve contar com uma margem de erro, além de evitar generalizações precipitadas.

De modo a operacionalizar a AC nesta pesquisa, após selecionado o *corpus* empírico por meio de palavras-chave no acervo da Folha, o primeiro passo foi a realização de uma leitura flutuante do material, que consiste na primeira fase da pesquisa. Segundo Laurence Bardin (2009), pesquisadora renomada na área de Análise de Conteúdo, é na leitura flutuante que se objetiva gerar impressões iniciais acerca do material a ser analisado, a fim de organizar as categorias da análise. Para tanto, utilizam-se as definições de Salvatore Pulleda (1999) sobre humanização e desumanização social e jornalística, de modo a identificar a presença e a ausência dessas características na extensão da pesquisa.

Para a análise quantitativa, utiliza-se a categorização de dados. Segundo Gil (1996), a pesquisa deve tirar conclusões e, para isso, é necessário categorizar os dados, porém, nem sempre pode-se definir essas categorias de imediato. Para este mesmo autor, é necessário organizar os dados e integrá-los ao material teórico para se tirar uma conclusão, a fim de que o material utilizado para coleta de dados tenha conteúdo implícito, que é o que irá desvelar da problematização do projeto.

A análise quantitativa desta pesquisa será organizada em diferentes gráficos, com variadas categorizações, a ser apresentada no decorrer do trabalho. A parte quantitativa da pesquisa permite visualizar as recorrências e aquilo que é menos explorado na cobertura. Essas pistas, derivadas da soma de vezes que as fontes ou determinadas categorias aparecem na cobertura, complementam a análise qualitativa.

Para a análise qualitativa, criou-se categorias a partir do referencial teórico do jornalismo humanizado. Nesta pesquisa, parte-se dos pontos que humanizam e desumanizam o jornalismo, definidos por Puleda (1999) e Ijum (2012). Uma vez determinados quais são estas categorias, faz-se um mapeamento das matérias do jornal Folha de S. Paulo. Assim, pode-se definir se as matérias sobre a epidemia do Ebola detêm aspectos humanizados. Define-se as categorias por:

Categoria 1 – Controle da Doença: Entram nessa categoria notícias que envolvam o controle da doença, os planos de prevenção da epidemia e as medidas tomadas na época para evitar o Ebola. Enquadram-se aqui matérias que trazem informações sobre o que a população deve fazer para se cuidar e evitar a transmissão da doença. As decisões dos países e Estados referente ao acesso nos países infectados a fim de controlar a epidemia também entram nessa categoria. Decisões de chefes de estados; presidentes; Companhias aéreas sobre averiguação de pessoas que estiveram em áreas de risco a fim de evitar que a doença se espalhe. Cuidados tomados pelos médicos e enfermeiros para o controle da doença e decisões de combate à doença com medicamentos e vacinas. As palavras-chave dessa categoria são: prevenção; combate; controle; contenção e estratégia.

Categoria 2 – Causas da propagação da doença: Nessa categoria entram informações relacionadas à transmissão da doença e as formas de contágio; como a doença pode se propagar nos países atingidos, nos hospitais e até mesmo nos locais considerados seguros e distantes do foco. Inclui-se aqui também, informações sobre a falta de instrução em comunidades mais religiosas sobre as aglomerações e os rituais de enterros feitos de forma inapropriadas, fomentando assim a transmissão da doença. As palavras-chave dessa categoria são: Transmissão; contágio; infectados.

Categoria 3 – Auxílio internacional para o controle da doença: Nessa categoria enquadram-se as ajudas econômicas/financeiras de outros países aos estados atingidos pelo surto. Enquadram-se aqui também ajudas internacionais com envios de médicos; enfermeiros e especialistas da área da saúde para ajudar os pacientes. Inclui-se também ajudas humanitárias como ONGs que construíram hospitais e pontos de apoio para os doentes e ONGs envolvidas na distribuição de alimentos para áreas mais isoladas. E, por fim, nessa categoria enquadram-se também ajudas financeiras para o financiamento de estudos para o desenvolvimento de vacinas e medicamentos. As palavras-chave dessa categoria são: ajuda; recursos; dinheiro.

Categoria 4 – A estigmatização da doença: Aqui encontram-se casos de pacientes que sobreviveram ao Ebola e as dificuldades enfrentadas por eles após a doença, assim como relatos sobre o que a doença deixou e a situação dos países depois de tantas mortes. Inclui-se que também o preconceitos gerado na sociedade. As palavras-chave dessa categoria são: estigmatização; preconceitos.

Categoria 5 – Prognóstico em relação ao andamento da doença: Nessa categoria coloca-se o prognóstico da epidemia em meio à crise. Qual era a previsão do aumento dos números de doentes ao longos dos meses. Previsão referente ao tempo que a epidemia ainda iria durar. Números de contágio e números de pacientes que iriam morrer da doença e, também, a previsão da diminuição dos casos após o início dos estudos em relação ao surgimento do medicamento e da vacina. As palavras-chave dessa categoria são: previsão; estima-se; espera-se.

Categoria 6 – Sobre o Ebola; o que é a doença?: Nessa categoria temos as informações gerais sobre a doença com o enfoque médico. Como ela surgiu? O que é? Qual o vírus? Como ele age? Quais os sintomas? Quais os seu histórico? Aqui, refere-se aos textos informativos sobre o Ebola. As palavras-chave dessa categoria são: sintomas; vírus.

Por fim, após todas as etapas, faz-se a inferência do projeto, que, segundo Gil (1996), é a última etapa da pesquisa. A inferência refere-se às conclusões chegadas através das análises produzidas.

3 SOCIEDADE E HUMANISMO: ANTES DE DISCUTIR O JORNALISMO

Para falar sobre jornalismo humanizado precisa-se antes discutir sobre o que é a humanização e a desumanização na sociedade. Assim pode-se trazer, em seguida, os estudos relacionados ao humanismo para a área de Comunicação. Ijuim (2012, p.121) diz que a forma mais importante de tornar uma sociedade mais humana é por meio da educação: “A humanização da sociedade pela socialização do saber”. É com o saber que o ser humano se torna capaz de fazer melhores as escolhas para sua vida. Puleda (1999), referenciado por Ijuim, certifica que o ser humano se torna mais capaz de planejar condições para o futuro.

Com sua característica ampliação do horizonte temporal, o ser humano pode produzir diferentes respostas, escolher e planejar suas situações futuras. E é essa liberdade que lhe permite negar a si mesmo, negar aspectos do seu corpo ou negar outros. Esta liberdade tem permitido que alguns seres humanos se apropriem ilegitimamente do todo social. Ou seja, para negar a liberdade e intencionalidade a outros seres humanos, reduzindo-os a próteses, os instrumentos de suas próprias intenções. Ali está a essência da discriminação, sendo sua metodologia a violência física, econômica, racial e religiosa. (PULEDDA,1999 *apud* IJUIM, 2012, p. XX)

O ser humano, em sua essência, é livre pra seguir pelo caminho que desejar e essas escolhas dependem da realidade em que estão expostas. Duarte Junior (1994) diz, em seus estudos sobre a realidade, que a estrutura empírica de cada ser humano é única e formada pela sociedade em que é exposta. Uma sociedade sem estruturas e com falhas significativas na área da educação levaria a uma sociedade menos humanizada.

O humanismo inicia-se no movimentos renascentista, com Descartes (1589 – 1610) na filosofia “Penso, logo, existo”. Para Ijuim (2012), é nesse momento que o homem inicia sua caminhada por autonomia e dignificação. Já o escritor argentino Mario Luís Rodrigues Cobos (1969), humanista, marxista e universalista, apresenta três princípios básicos que identificam um sociedade humanizada. São eles: 1) o ser humano como valor central; 2) a não violência; e 3) a não discriminação.

Quando se citam matérias produzidas pelos meios de comunicação de massa, uma vez que essas matérias são determinantemente doloridas devido aos impactos de seus acontecimentos, Ijuim (2012, p. 128) questiona-se se há uma preocupação do jornalista em refletir as dores do mundo ou se “a visão de mundo desta imprensa e de seus repórteres mais causam dores ao mundo”. O que causa um dilema ético, já

que ético é tudo aquilo que é, preferencialmente, bom para si e para todos, como bem definido por Bertrand Russel (*apud* IJUIM, 2012).

Uytendenbroek (2001) diz que a sociedade está sendo subestimada pela mídia e já há inúmeras pesquisas norte-americanas que demonstram que muitas pessoas acreditam em tudo o que veem na televisão. Para Weber (1985), o trabalho do jornalista não é menos importante que o do professor em uma sociedade, igualando em seus senso de responsabilidade e influência para a sociedade. “As realizações jornalísticas irresponsáveis e seus efeitos, por vezes, terríveis, são lembrados” (WEBER, 1985, p.68). A condição com que a imprensa delibera a notícia condiciona a forma pelo qual o público vê a notícia. Ainda segundo Weber (1985), o público vê a imprensa como um misto de desdém e uma piedosa covardia.

O jornal é uma espaço de disseminar ideias. Colin Cherry (1981) defende a ideia de que o pensamento depende da fala e a fala depende do pensamento. Esse desenvolvimento da fala surge devido à necessidade do ser humano de organizar suas ideias. O jornal, por sua vez, se torna um espaço para disseminar tais ideias e os jornalistas, hoje, são responsáveis por disseminar o pensamento moderno. Sua principal finalidade é fornecer informações de que a população necessite, porém Ijum (2012) questiona-se se o preceitos de informar estão englobados nos preceitos de humanizar. “O procedimento de informar incorpora os influxos humanizadores de pensamento moderno, o que lhe proporciona a oportunidade de operar no processo de humanização da sociedade” (IJUIM, 2012, p.121).

Além de organizar e disseminar ideias, é preciso ter em mente que o jornal é um dos maiores espaços públicos de visibilidade. Segundo Barros Fernandes (2002), é no jornalismo que se faz parte de um processo de circulação discursiva, sendo que, nesse espaço, confere-se grandes visibilidades ao tema da sociedade. Esses fluxos comunicativos partem da vida cotidiana e também dos aspectos da complexa sociedade atual. Barros Fernandes (2002) diz que o espaço do jornal cria uma disputa entre os comunicadores que quererem impor suas ideias e preferências.

No espaço público contemporâneo, o sentido da cidadania, vem sendo construído no bojo de disputas de diversos grupos sociais que pretendem conferir às suas demandas um valor que seja respeitado pelos outros componentes da sociedade. Uma vez que a autoridade da lei não se encontra mais fundamentada na palavra divina ou na vontade dos reis, os homens se veem diante do desafio de escrever, a cada época e a cada nova necessidade, um acordo de convivência que contemple os inúmeros sentidos elaborados nas várias esferas sociais. (FERNANDES, 2002, p.2)

Fernandes (2002) ainda vai além, dizendo que o jornalismo deixou de lado a cidadania por pensar apenas em interesses próprios. Quando se substitui o homem por cidadão, coloca-se o homem apenas como portador de direitos e deveres, e suas obrigações são asseguradas pela lei. Esse mesmo cidadão passa a ser o centro do coletivo em que está inserido e ocupa uma hierarquia social, que é responsável pelo grau de participação que o cidadão deve tomar. Fernandes (2002) cita o autor Alain Touraine (1994), que diz que o ser humano tem uma papel social definido por papéis ligados ao *status* que devem ter para um bom funcionamento do sistema social. Contudo, o homem moderno sofreu mudanças ao longo dos anos, substituindo valores e crenças. De acordo com Touraine (1994), foram essas mudanças que tornaram a sociedade menos humanizada.

Fernandes (2002) completa afirmando que a falta de humanismo na sociedade torna-se cada vez maior com a consolidação do mundo moderno, onde o mundo econômico domina e há o fomento do capitalismo. O sociólogo e humanista polonês Zygmunt Bauman (2015) é afirma que o mundo moderno e pós-moderno são as principais causas para a desumanização social. Não só por conta do capitalismo frenético que vivemos, mas também por excesso de tecnologia. Uytendenbroek (2001) diz que o ser humano não é capaz de digerir e assimilar toda essa tecnológica que cresce de forma frenética, não tendo capacitação para utilizá-la da melhor forma.

Bauman (2015) diz, em um depoimento⁵ sobre laços humanos, que a facilidade de se conectar e se desconectar a qualquer momento torna os relacionamentos entre as pessoas mais efêmeros. No mundo pós-moderno, o sociólogo argumenta que o fatos de as pessoas desfazerem laços de amizade e amorosos com facilidade gera maior desconfiança nos relacionamentos e limita os atos de bondade que o ser humano possa ter para com o próximo. Já Uytendenbroek (2001) aponta que o novo ser humano é mais narcisista e não constrói laços sociais. O novo ser humano traz o pensamento único, que é um pensamento voltado para o mercado e não ao próximo, a outro ser humano. Esse novo ser humano prefere “a imagem à coisa, a cópia ao original, a representação à realidade, a aparência ao ser (...) onde a ilusão é sagrada e a verdade é profana”. (Ibidem, p. 56).

5 Depoimento de Zygmunt Bauman. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LcHTeDNlU>. Acesso em 17/05/2016.

Além disso o novo ser humano traz novos conceitos, ele possui maior vontade de poder e maior vontade de saber, colocando a ciência como desejo de poder social, econômico e político (UYTDENBROEK, 2001).

A partir desse contexto, Bauman (2007, p.33) sinaliza um paradoxo inerente ao capitalismo: “É como uma cobra que se alimenta do próprio rabo”. O capitalismo extrai a energia da sociedade e se alimenta disso. A longo prazo este efeito sobre os indivíduos gera desequilíbrio na coexistência humana.

Uma centena de anos depois, parece que o resultado fatal, talvez o mais fatal, do triunfo global da modernidade é a crise aguda da indústria em remoção do “lixo humano”, pois cada novo posto avançado conquistado pelo mercado capitalista acrescenta outros milhares ou milhões a massa de homens e mulheres já privados de suas terras, locais de trabalhos e redes comunitárias de proteção (BAUMAN, 2007, p.34)

Bauman (2007) conclui que um dos fatores que mais desumanizam a sociedade e o indivíduo é o poder. Nos momentos em que se traz esse pensamento para a mídia, pode-se observar que a imprensa tradicional se apropria do poder para noticiar o que é de seu interesse. Segundo o sociólogo⁶, a mídia pós-moderna saiu de sua zona de conforto, principalmente com a era da internet, onde as notícias disputam tempo e espaço. Além da corrida contra o tempo para publicar algo, as informações também ganharam maior fluidez, pouco aprofundamento nas histórias e uma notícia substitui a outra com grande facilidade.

O jornalista Luciano Martins Costa (2015), em seu blog “O Jornal de Todos os Brasis”⁷, complementa a ideia de Bauman, expondo que a mídia tenta se reinventar para a sociedade pós-moderna, pois estaria muito abalada devido ao rápido crescimento digital e o surgimento de novas tecnologias. Conforme Costa (2015), é necessário que o jornalismo se aproprie de novos valores que estão fundamentados no imaginário humano. Os indivíduos ainda constituem um conjunto de laços que formam as comunidades. Já para Bauman (2015), o jornalismo está passando de um estado sólido para um estado líquido, onde diluem-se seus elementos concretos, tornando-o inconstante e instável.

⁶ Em entrevista ao programa *Observatório da Imprensa*, exibido em 17/10/2015. Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/oitv/entrevista-com-zygmunt-bauman/>. Último acesso: 17/05/2016.

⁷ Blog *O Jornal de todos os Brasis*. Disponível em: <http://jornalggn.com.br/tag/blogs/luciano-martins-costa>. Último acesso: 17/05/2015

Bauman (1998) também fala sobre a fluidez dos relacionamentos da sociedade, apontando que as relações são líquidas, sem garantia de laços, pois o pensamento do outro é alimentado pelo mesmo pensamento que é fomentado em você, qual seja: “Eu mereço ser feliz no que faço”. Quando a pessoa que está ao lado não preenche mais os requisitos da felicidade no qual todos têm direito, simplesmente troca-se de pessoa. Todas essas questões promovem uma sociedade mais desumana, com pessoas com o pensamento apenas em si próprios. Uytendbroek (2001) diz que as pessoas buscam benefícios umas nas outras.

O sociólogo polonês ainda defende que o estado moderno teria esperança de ser mais ativo, mais funcional e racional, mas hoje não se encontra isso. Bauman (1998) diz que a sociedade “pós-moderna sólida” é caracterizada por uma noção de estado organizado, um estado que seria a instância produtora de justiça no mundo, um estado que garantiria a qualidade de vida das pessoas e um capitalismo civilizado sob controle do estado. O que seria também a promessa da modernidade, de uma sociedade com pessoas em busca de felicidade. Um capitalismo que trabalhasse com a ideia de que o capital promove riqueza a todos no mundo. Mas não é que o que se encontra no mundo atual. Uytendbroek (2001) fala sobre essa concepção do século XX:

O século 20 foi um trágico exemplo da ignomínia humana. O homem de direita e de esquerda construiu campos de concentração, multiplicou genocídios, se fechou nos guetos da pureza absoluta, da raça única, da religião única, ou no isolamento de sua própria identidade se tornando intolerável à diferença e se fechando, como diria Paulo Freire, na miopia do que ele é, separado da imensidão do mundo que está a sua volta. (UYTDENBROEK, 2001, p.58)

Paulo Freire (1992 *apud* UYTDENBROEK, 2001) defende a ideia de que é possível reverter esse quadro e tornar a sociedade mais humana. Para isso, seria necessário que as pessoas respeitassem as diferenças, aceitassem a pluralidade dos interesses e que a democracia deveria se abrir para uma construção coletiva de um mundo solidário, “cheio de alegria, de amor e de vontade de viver”.

Primeiramente: o ser humano precisa urgentemente resgatar a disciplina da própria memória a partir da sua capacidade de reminiscência. Resgatar o aspecto único que cada um tem no melhor do seu dia a dia, colecionar suas imagens para fecundar a sua imaginação. Quando o ser humano vai ao encontro dos novos conhecimentos, não vai como à busca da perfeição da perfeita gnose, mas sempre com a humildade da desconfiança do que já sabe para ouvir o que o outro pensa e assim juntos saber melhor (UYTDENBROEK, 2001, p.59).

Uytendbroek (2001) afirma ainda que o humanismo só tem coerência quando o outro, em seu reflexo, não é uma projeção do “eu”, e sim a aceitação do próximo tal qual como ele é; assim, o seu “eu” é resgatado “na sua identidade original de liberdade” Uytendbroek (2001) finaliza dizendo que a mídia cria “simulacros da verdade e promove a passividade e o sentimento de impotência diante de um mundo apresentado sem sentido”. Muitas vezes o telespectador e/ou leitor sai inferiorizado pelos valores impostos pela mídia, o que reduz a capacidade crítica do ser humano e “tira da vida sua consistência e seu significado” (Ibidem, p.59)

4 JORNALISMO HUMANIZADO: ASPECTOS PARA PENSAR O CONCEITO

Neste capítulo parte-se da compreensão de humanismo, apresentada anteriormente, para trabalhar sob a ótica do jornalismo. Sob a perspectiva jornalística, apoia-se no conceito utilizado por Ijuim (2012, p.122) sobre mídia humanizada:

Para superar a dor e o sofrimento, em particular suas causas, vislumbra-se uma atitude humanista que respeite e considere posições humanistas de diferentes culturas, como: ter o ser humano como centro das preocupações; afirmação da igualdade de todos os seres humanos; reconhecimento da diversidade pessoal e cultural; tendência a se desenvolver o conhecimento além do que é aceito como verdade absoluta, afirmação da liberdade de ideias e crenças; e repúdio à violência.

Ijuim (2012, p.123) também vai citar o que desumaniza a relação dos órgãos de imprensa com a sociedade. Para ele, a visão internacionalista não aspira por um mundo uniforme. Porém, deve-se respeitar e se reconhecer as diferenças. Ijuim (2012, p.123) ainda afirma que as relações de poder mundiais levantam muros sobre o que releva e o que desumaniza o desenvolvimento da sociedade, e que essas ações devem ser repensadas. A crença na verdade absoluta, sede de poder, intolerância, recusa e ignorância pela cultura do outro, desrespeito ao diferente e às diferenças ainda são aspectos que não foram superados pela sociedade.

Uma vez determinados os pontos que humanizam e desumanizam os meios de comunicação, define-se o conceito sobre jornalismo humanizado. O termo “jornalismo humanizado”, que também é utilizado como “jornalismo humanitário,” ainda é recente no Brasil, porém, segundo Carranca (2012), muito usual na imprensa americana e britânica. Tais conceitos são utilizados para referenciar assuntos como as guerras, os riscos epidemiológicos e as catástrofes naturais. Aqui, neste trabalho, adota-se o termo “humanizado” a fim de padronizar a terminologia.

O jornalismo humanizado objetiva um fazer jornalístico buscando a essência das ações humanas através de um olhar diferenciado, um outro ponto de partida e uma nova perspectiva. O intuito é ir além de uma narrativa literária e não se limita ao uso do lide. “Para que o cotidiano se presentifique, é preciso romper com as rotinas industriais da produção de notícia, superar a superficialidade das situações sociais e o predomínio dos protagonistas oficiais” (MEDINA, 1999, p.92).

Para falar sobre jornalismo humanizado em específico, este trabalho toma como ponto de partida, o exemplo da jornalista Eliane Brum, especializada em jornalismo literário, que trabalha com narrativas humanizadas. Para Felipe Pena (2006, p.6), a narrativa literária rompe as correntes burocráticas do lide: “Significa potencializar os recursos do jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos e proporcionar visões amplas da sociedade”. E é isso que Eliane Brum (2013, p.13-14) faz em seu trabalho, revelando uma dimensão humana aos acontecimentos: “Eu escrevo sobre gente, mas quem não escreve sobre gente? Volta e meia alguém diz que faço ‘matérias humanas’. Mas seria possível alguém fazer ‘matérias inumanas’?”.

Definir o que humaniza ou desumaniza a jornalismo torna-se relevante quando se determina o quão influente a mídia é para a sociedade. “O jornalismo, como ato de comunicação, surgiu exatamente por esta capacidade dos humanos de criar sistemas que lhe permitam compartilhar informações, pensamentos e ideias” (IJUIM, 2012, p. 119). Este mesmo autor questiona se o jornalismo já nasceu humanizado e o que o tornaria desumanizado. Para ele, “os jornalistas pioneiros e a imprensa tiveram papel determinante nesse processo de compartilhar informações e, em especial, disseminar o pensamento moderno” (2012, p.120).

Para fazer um recorte humanizado, a narrativa deve deixar de lado estereótipos, superar o caráter simplista dos textos jornalísticos e tratar o ser humano na sua inteireza complexidade. Trata-se de deixar de lado o senso comum e estimular uma visão crítica mais humanista, com maior diversidade. Em uma matéria deve-se deixar de tratar as pessoas como fonte de informação e sim colocá-las como personagens, em sua essência como pessoas, de maneira a humanizar suas histórias. Humanizar o personagem da reportagem vai além de contar sua história com mais sensibilidade, ajuda a trazer mais aspectos humanizados à profissão do jornalista e sensibiliza mais o leitor da matéria.

Alberto Dines (2009, p.73) diz que o jornalista e o leitor são um só e fazem parte de um mesmo processo. O jornalista torna-se, simultaneamente o leitor e vice-versa:

Jornalista e leitor são os que melhor se entendem e sintonizam, pois se os primeiros são treinados para sentir as necessidades do último, este foi domesticado para receber aquilo que certamente lhe agradará. Jornalista é leitor em função de emissão.

Em última análise, tornam-se a mesma coisa, por isso, a imprensa acaba sendo o reflexo da comunidade que a segue. Desta forma, constata-se que não há imprensa boa ou imprensa ruim, uma vez que a mídia reflete sua realidade dentro da sociedade em que está instaurada. Pode-se dizer que os jornais publicam as matérias de tal forma porque há uma parcela expressiva da sociedade que pensa da mesma forma.

Ijuim (2012) aponta os seguintes fatores como desencadeadores da humanização: a educação e o saber; saber fazer boas escolhas na vida; repúdio a violência; não discriminação; ter o ser humano como centro das preocupações; afirmação de igualdade a todos; reconhecimento da diversidade cultural e pessoal; tendência a se desenvolver o conhecimento além do que é aceito como verdade absoluta e afirmação da liberdade de ideias e crenças.

Em contrapartida, os fatores que desumanizam, segundo o mesmo autor, são: crença nas verdades absolutas; sede de poder; intolerância pela cultura do outro e o desrespeito ao diferente e as diferenças. Ao longo desse capítulo aborda-se ponto a ponto cada um destes fatores.

A começar pelo conhecimento adquirido pelo homem ao longo da vida, a educação e o saber social e cultural enquadram-se no primeiro tópico dos fatores que nos humanizam. Ijuim (2012) vai citar que uma das fontes que mais humanizam o ser humano é o saber. É através do saber que se transforma as pessoas em indivíduos mais humanos. A educadora Maria Inez Rodrigues (2013) afirma que a educação é um processo que busca levar conhecimento científico às pessoas e esses conhecimentos, segundo a autora, foram produzidos intencionalmente por um conjunto de homens, a fim de possibilitar que o indivíduo passe do estado vegetativo de inércia para um estado de consciência. Assim, o ser humano é capaz de enxergar as situações sociais e partir para a prática de mudanças por meio de conhecimento adquirido. Rodrigues (2013) ainda reforça que o ensino não é espontâneo, ele é produzido e organizado por uma comunidade. Para ela, não há outro caminho para a humanização do ser humano, que não seja a educação. O que significa dizer que, na visão da educadora, as apropriações de educação, trabalho e cultura são o que humaniza o homem.

A pedagoga Rosimeire de Paula Spagolla (2005) complementa a ideia de Rodrigues quando diz que a educação, para auxiliar na humanização, significa pensar e agir baseando-se em “princípios éticos responsáveis, determinações políticas interventivas e criatividade estática sensibilizatória”. Nesse processo, Spagolla (2005)

acredita que a humanização na educação é um produto, conquistada em um projeto determinado pela luta de educadores transformadores.

Como produto, é o espaço novo da educação do homem ativo, esperançoso, que aprendeu a viver junto aos seus semelhantes, na empreitada da formação e da produção social, da cultura, das relações humanizadas, ou seja, um espaço dotado de características humanas livres, conscientes e responsáveis pelo destino individual e social. (SPAGOLLA, 2005, p.2).

A pedagoga diz que o homem é um ser com necessidades materiais, além das dimensões de identidade e significação, que a civilização e a cultura lhe conferem. É na fase de adquirir conhecimento que o homem dá origem ao seu processo de humanização. Isso define-se por esta capacidade material de produzir seus meios de sobrevivência e de construir representações simbólicas, o que se inicia com a formação da sociedade e cultura. Sendo assim, Spagolla (2005, p.3) conclui que “os homens não nascem prontos, acabados, mas são constituídos em uma intrincada rede de inter-relações entre causas externas e internas de sua formação, evolução e produção social”.

Para fundamentar uma dimensão educacional humanizadora e humanizada, Spagolla (2005) induz a necessidade de rever os métodos e procedimentos pedagógicos que, muitas vezes, se restringem aos conteúdos escolares. A autora cita Rousseau (1959) para enfatizar seu pensamento: “que se destine meu aluno à carreira militar, eclesiástica ou à advocacia, pouco me importa. Antes da vocação dos pais, a natureza chama-o para a vida humana. Viver é o ofício que quero ensinar” (ROSSEAU, 1959 *apud* SPAGOLLA, 2005, p.2).

O segundo tópico a ser tratado por Ijuim (2012) nos pontos que humanizam o ser humano é ato de saber fazer escolhas. Isso porque o ato de se fazer escolhas está ligado às consequências delas. Toda escolha gera um resultado. Rone Portela (2015) diz que são as escolhas que os indivíduos fazem que os moldam e, através desse pensamento, acredita que o ser humano deve decidir por aquilo que é melhor para ele. Porém, nem sempre as escolhas das pessoas tendem a prevalecer; às vezes, as escolhas são feitas através de fatores externos. Portela cita o autor Pablo Neruda quando diz que “você é livre para fazer suas escolhas, mas é prisioneiro das consequências” (NERUDA, 1955 *apud* PORTELA, 2015), sublinhando a relação entre ação e reação.

O terceiro fator abordado por Ijuim (2012) está ligado ao fato do ser humano ser o centro das preocupações, sendo esta a teoria principal do humanismo. O humanismo teve sua origem proveniente do Renascimento, de Descartes, no qual o homem era visto como valor central, buscando dar autonomia e dignificação humana. Nesse período, nasce o antropocentrismo renascentista, que tem como ideia principal colocar o homem como centro das preocupações intelectuais e artísticas. O antropocentrismo procura o melhor nos seres humanos e para os seres humanos. O educador Dom Lourenço de Almeida Prado (1995), um dos defensores da educação humanista, defende, em uma entrevista⁸, que o ensino humanista deveria ser dado nas escolas, principalmente no ensino médio.

Almeida Prado (1995) diz que primeiro é preciso pensar no homem como um animal, que tem, em sua natureza, a evolução. Para ele, a história humana é uma história de progresso, na qual a função da educação não é o aprendizado e, sim, criar o saber, que faz com o que indivíduos sejam seres livres.

Outro aspecto abordado por Ijuim (2012), a fim de especificar os atos que nos humanizam, é o repúdio à violência - seja ela física, oral ou psicológica. O ato de violência está ligado à dor. Segundo Fernandes e Oliveira (2013), a violência pode se manifestar de diversas formas: em guerras, conflitos étnico-religiosos, preconceito, intolerância, entre outros. A palavra violência origina-se de violar/violação, por isso, a violência abrange todos os atos de violação de direitos, como: civis (liberdade, privacidade, proteção igualitária); sociais (saúde, educação; segurança; habitação); econômico (emprego e salário); culturais (manifestação da própria cultura) e político (participação política e voto).

Segundo o site dos Direitos Humanos Brasil⁹, é possível dividir a violência em três tipos: estrutural, sistêmica e doméstica. A violência estrutural caracteriza-se pela não atuação das classes, grupos ou nações econômica ou politicamente dominantes. Expressa-se pela miséria, má distribuição de renda, exploração dos trabalhadores, crianças nas ruas, falta de condições mínimas para a vida digna e falta de assistência em educação e saúde. A violência sistêmica aborda a prática de autoritarismo, profundamente enraizada no Brasil, devido ao seu passado colonial. Encontra-se aqui

⁸ Dom Lourenço de Almeida Prado, em entrevista ao Jornal Estadão. Disponível em: <http://esplanada.org.br/index.php/blog-do-ivan/64-visao-humanista-de-um-educador>. Acesso em: 26/05/2016.

⁹ Direitos Humanos Net. Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/direitos/sos/violencia/violencia.html>. Acesso em: 27/05/2016.

violências como tortura, maus tratos e agressões. Já a violência doméstica é o abuso de poder exercida pelos pais ou responsáveis pela criança ou adolescente. Existem vários tipos de violência doméstica: violência física (bater, beliscar, empurrar e chutar); violência psicológica (xingar, humilhar, agredir com palavras); abuso sexual; negligência e o abandono. De modo geral, define-se como violência as ações que machucam as pessoas.

Ijuim (2012) também fala sobre a não discriminação, que pode ser por raça, gênero, orientação sexual, nacionalidade, religião, situação social, dentre outros. Alguns desses aspectos são considerados crimes hoje em nosso país, como é o caso do racismo (Art. 5º, XLII, CF). Segundo informações do site dos Direitos Humanos¹⁰, discriminação é o “nome que se dá a uma conduta que viola o direito da pessoa com base em critérios injustificados e injustos, tais como: a raça, o sexo, a idade, a opção religiosa e outros”. O ato discriminatório consiste em considerar que a diferença de outro indivíduo implica em direitos diferenciados.

Seguindo a linha da não discriminação das pessoas, Ijuim (2012) também vai falar sobre a igualdade de todos. A especialista em direito de Estado, Roberta Dier (2013), divide o tema “igualdade” em três tópicos: igualdade de valor, igualdade de justiça e igualdade de direito. A igualdade de valor seria a existência de um mínimo de oportunidades para cada pessoa. Para a jurista, esse mínimo comum advém do nascimento do ser humano que carrega em si “valores mínimos iguais da existência.”

Já a igualdade de justiça está inteiramente ligado à liberdade. Segundo Dier (2013), a igualdade como “regra da justiça” é uma igualdade substancial, aquela que uniformiza à todos os homens uma igualdade real e efetiva perante os bens da vida. E, por último, a igualdade de direito, considerada a mais importante para Dier, que diz que os direitos são os mesmo para todos, mas que nem todos se acham em igualdade para exercer. Por isso, é preciso, para a autora que essas condições sejam criadas e recriadas, pois é através dessas transformações de vida que as pessoas se movem. A especialista conclui que a igualdade é um tema recente nas discussões, porém de grande relevância. Para ela, a sociedade sempre levantará novas questões que são necessárias para busca da compreensão na igualdade.

O reconhecimento da diversidade cultural e pessoal também constrói uma sociedade mais humanizada, segundo Ijuim (2012). Aceitar a cultura do próximo

¹⁰ Direitos Humanos Net. Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/w3/ceddhc/bdados/cartilha14.htm>. Acesso em: 27/05/2017.

colabora por uma sociedade mais tolerante. A diversidade inclui vários aspectos de uma sociedade, como a linguagem, as tradições, a religião, os costumes, o modelo de organização familiar e a política. João Francisco Pereira Cabral (2016) estuda as ideias do antropólogo Lévi Strauss, que faz uma analogia da diversidade cultural com um jogo. Segundo ele, o progresso da história humana é resultado da aposta de vários jogadores, que seriam a diversidade cultural; esse jogo somente ocorre se houver a diversificação. As grandes revoluções da humanidade, a neolítica e a industrial, por exemplo, foram resultados desta parceria entre os vários jogadores, ou melhor, entre as várias culturas. Ou seja, para o filósofo, é fundamental para a sociedade a diversidade entre as culturas, pois isso fomenta as mudanças e ajuda na evolução de uma sociedade mais humanizada.

Ijjum (2012) cita em seu artigo outro fator determinante para a humanização da sociedade: a tendência a se desenvolver o conhecimento além do que é aceito como verdade absoluta. Ou seja, aceitar o conhecimento de outras pessoas, e não tornar o seu verdade incondicional. Isso se aplica também na aceitação na crença ou na falta de crença que o próximo venha a ter. Ijuim (2012) afirma que uma sociedade mais humanizada é aquela que possui liberdade de religião, liberdade de crença e a livre expressão de ideias.

Kovach e Rosentiel (2003) tratam dessas questões dentro do jornalismo e das contribuições jornalísticas para a cidadania e para a democracia. Os autores questionam qual a importância que as notícias desempenham na vida das pessoas, Para os autores, a principal finalidade do jornalismo é “fornecer aos cidadãos a informação que precisam para serem livres e se autogovernarem” (Ibid., p. 16).

O autor James Carey, citado por Kovach e Rosentiel (2003) diz que “no fim das contas, talvez, o jornalismo sirva para manter e amplificar a conversação das próprias pessoas”. O objetivo seria servir o bem-estar geral informando as pessoas.

Kovach e Rosentiel (2003) dizem que é instinto do ser humano querer conhecer o desconhecido e que isso traz mais segurança às pessoas, principalmente na era eletrônica, em que a troca de informação acontece de forma mais rápida, porém mais volátil. Os autores afirmam ainda que em uma era em que qualquer pessoa pode ser repórter, os jornalistas transforma-se em “líder de um fórum ou um mediador, e os leitores não são mais consumidores e sim ‘possuidores’”

Uma das premissas do jornalismo é a verdade absoluta, a primeira obrigação do jornalista é com a verdade, segundo os autores. Porém, o desejo de que a

informação seja verdadeira é elementar. Na verdade, do ponto de vista dos autores, a notícia não tem obrigação de ser verdadeira e sim de ser utilizável e confiável. No fim, a promessa de verdade no jornalismo passa a ser parte importante do marketing jornalístico. Para os jornalistas, “não é fácil equacionar realismo e realidade” (Ibid, p.39). A verdade é demasiadamente complicada para os jornalistas, os profissionais não conseguem alcançar a demanda desse objeto na visão de Kovach e Rosentiel (2003).

O jornalismo está apenas em busca da verdade, mas não é a verdade absoluta, e o fato de estar em busca da verdade já é válido para os autores, pois é essa busca que a sociedade exige. Assim, o jornalismo procura uma forma prática e funcional de verdade e não a verdade no sentido absoluto ou filosófico.

Kovach e Rosnetiel também vão tratar da consciência da responsabilidade profissional com a sociedade, eles indagam se o jornalismo teriam atos de caráter com a sociedade.

Visto que não se rege por leis, regulamentados ou licenças, que não existe qualquer autopolicimento formal e que o jornalismo pode, por natureza ter um caráter exploratório, o fardo carregado pela ética e pela capacidade crítica, tanto de cada jornalista como da organização onde se trabalha, resulta bem pensado. Só por si, este constituiria uma grande desafio para qualquer profissional. Mas o jornalismo conta ainda com a pressão acrescida existente entre a sua função de serviço público – aspecto que justifica a indiscrição – e a função comercial que financia o trabalho. Para complicar mais as coisas, mesmo na era da Internet, a maioria dos jornalistas ainda estão integrados em instituições oligárquicas, devido aos custos proibitivos da criação de uma organização jornalística abrangente. A estrutura hierárquica das oligarquias costuma dificultar ainda mais a auscultação das pessoas acerca de assuntos abstractos, como ética ou questão de consciência. (KOVACH e ROSENTIEL, 2003, p.188 e 189)

Paulo Freire (1989, p.7) afirma que a consciência do profissional está ligada ao seu compromisso com a sociedade, quando o ser humano se aproxima do ato de se comprometer ele se aproxima também da essência do ato de compromisso. Para Freire (1989), um indivíduo que é capaz de se comprometer é um indivíduo capaz de agir e refletir - este indivíduo está consciente de estar no mundo

Os jornalistas têm uma obrigação para com a sua consciência pessoal, essa obrigação deve levá-lo a discordar e desafiar seus diretores e proprietários, casos os princípios de imparcialidade os exigir. Segundo os autores, Kovach e Rosentiel (2003) os jornalistas são guiados pelo instinto de fazer justiça, a maioria delas entram na

profissão por vontade de mostrar as injustiças do mundo, porém, no decorrer da carreira essas instintos somem. A capacidade dos jornalistas para aplicar na prática sua consciência é muito mais importante do que qualquer coisa em que acreditem ou qualquer crença que tragam para seu trabalho.

A diversidade intelectual é o verdadeiro objetivo. Esta noção de diálogo aberto nas redações está no âmago daquilo que um grupo crescente de pessoas que refletem sobre as questões do jornalismo consideram ser o elemento essencial da diversidade e da procura de um jornalismo equilibrado (Ibid.,p.196)

A diversidade na redação deve se assemelhar na diversidade na comunidade. Define-se a diversidade, por muitas vezes, em termos de gêneros e genes, como pessoas que são um pouco diferentes mas basicamente dizem o mesmo (MERCEDES DE URIARTE *apud* KOVACH E ROSENTIEL, 2003). No entanto, a mesma autora, diz que a diversidade intelectual ainda tem-se dificuldades em incluir-se nas notícias. A diversidade intelectual está, de acordos com estudiosos da cultura americana, entre as coisas que as pessoas mais tem dificuldade de aceitar. Ijuim (2012) afirma que a tolerância cultural, a aceitação pela diversidade e educação são um dos quesitos humanizadores na sociedade, e essa dificuldade em aceitar a diversidade intelectual do próximo os tornam mais desumanizadores

Um outro problema identificador por Kovach e Rosentiel (2003) está em uma espécie de “inércia burocrática” instalado nas organizações. Essa inércia pode levar as pessoas a fazer de qualquer circunstância aquilo que estão habituadas a fazerem, As rotinas são transformadas em refúgios seguros “porque as organizações jornalísticas – com seus negócios, comunidades, produção e outros interesses – são complexas e hierarquizadas” (Ibid.,p.198)

Construir uma redação onde a consciência e a diversidade possam se integrar é um desafio no jornalismo. Em meio a tudo isso, ainda deve-se questionar qual o papel do cidadão, principal receptor de informação produzida pela imprensa. Será que os elementos do jornalismo pertencem aos cidadãos ou aos jornalistas? Kovach e Rosentiel (2003) afirmam que os elementos dos jornalistas é, uma carta de direitos dos cidadãos, ao mesmo tempo que, também é uma lista de responsabilidade dos jornalistas. Assim, os autores enumeram os elementos dos jornalistas que devem ser analisados pelos cidadãos.

São eles: 1. Da veracidade – Da capacidade do cidadão de julgar o valor e as influências da informação, exigindo imparcialidade, transparência e integridade da informação. 2. Da lealdade com o cidadão – Exigir que o preparo da informação e da notícia seja preparada única e exclusivamente para o cidadão, sem maiores interesses mercadológicos. 3. Da independência – Um jornalismo feito para interesse público de forma geral, sem a procura de um resultado pré-determinado. 4. Do controle de poder – Espera-se que a investigação da imprensa seja utilizado com cuidado e discrição, sem discriminação sobre os investigados, demonstrando assim a obrigação de defesa dos interesses públicos. 5. Fórum de debate público – A fim de proporcionar interação entre público e imprensa. 6. Da proporcionalidade e envolvimento – Pela necessidade do cidadão de ter um conhecimento profundo de assuntos importantes e tendenciosos à comunidade.

Para finalizar, Kovach e Rosentiel (2003) defendem que o jornalismo deve seguir regras e leis cada vez mais rigorosas, a fim de manter sua ética e sua moral, evitando assim inúmeros problemas. Destacam que há um risco enorme da imprensa acabar sendo subordinada ao mundo do discurso comercializado. Para os autores, a esperança está em olhar para o passado e aprender com o que ficou pra trás, pois o futuro da era digital gera uma liberdade para a produção de informação feitas sem embasamentos e nem referencial teórico, dispensando todas as leis éticas e morais jornalísticas.

5– A COBERTURA DA FOLHA DE S. PAULO SOBRE A EPIDEMIA DO EBOLA, ÁFRICA, 2014

A cobertura da epidemia do Ebola realizada pelo jornal Folha de S. Paulo, jornal considerado de referência no Brasil, é o objeto de estudo escolhido para tratar da desumanização do jornalismo.

Criada por Olival Costa e Pedro Cunha em 19 de fevereiro de 1921, a Folha de S. Paulo tinha primeiramente como nome “*Folha da Manhã*”; em 1925, o jornal se expande para mais duas edições “*Folha da Tarde*” e “*Folha da Noite*”. Em 1931, o jornal é vendido a Octaviano Alves Lima e foi com ele que o jornal avança de uma tiragem de 15 mil para 80 mil. Mas, só em 1960 que os jornais de fundem e surge a Folha de S. Paulo. Vinte anos depois, na década de 1980, a Folha de S. Paulo assume a liderança na imprensa diária brasileira, como jornal de maior circulação no país,

A Folha também foi pioneira em instalar a tecnologia digital nas redações, a primeira empresa da América Latina em computadorizar as redações, também a primeira em montar um banco de fotos digitalizados. A Folha também foi o primeiro jornal a manter um acervo das edições digitalizados na íntegra¹¹.

O jornal em análise possui todos os fatores de credibilidade citados por Ângela Zamin (2014) ao falar dos veículos de referência. Zamin (2014) impõe uma série de atributos necessários para um jornal ser considerado um “jornal de referência” em diversas esferas, divididas em: contrato de informação, forma, instância de produção, locus de observação e natureza de audiência

Dentro dessas esferas estão as atribuições necessários para referenciar um jornalismo, como: tradição, credibilidade, seriedade, reflexão, orientação internacional, hierarquia de informação, diagramação sóbria, apelo cosmopolita, jornalistas, espaços públicos, política economia, relações internacionais, líder de opinião. Estes atributos estão presentes na Folha de S. Paulo, por isso, escolhido para esta pesquisa.

A Folha traz dois grandes cadernos que representam a cobertura internacional: Mundo e Mundo 2. Porém, algumas matérias de grande destaque podem aparecer no

¹¹ Informações retiradas do site da Folha de S. Paulo. Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/historia_98.htm. Acesso em 19/11/2016

Primeiro Caderno e, dependendo da relevância da notícia, podem sair no caderno Especial. As matérias sobre a epidemia do Ebola tiveram maior destaque no Primeiro Caderno e no Caderno Mundo 2, nos anos em que ocorreram a epidemia, segundo levantamentos feitos através do acervo da Folha.

O continente africano possui uma história marcada pela colonização predominantemente europeia, na qual todo o poder econômico e político é sustentado a partir da exploração das riquezas naturais, segundo Leitão da Graça (2012). Foi no período pós colônia que esses países sofreram com golpes de estados, guerras civis, crises epidemiológicas e guerras entre etnias, que “revelam a insuficiência da análise classista” (Ibidem, p.162) A desumanização africana ocorre por racismo, diferenciação de classes, falta de aceitação cultural e étnica, divergência econômica, preconceito e desestrutura política.

Já o Ebola é um vírus do gênero *Filovirus*, altamente infeccioso, e que se desenvolve primeiramente em animais. A doença é considerada uma zoonose (doença que é transmitida de animais para humanos) e os maiores reservatórios naturais são os morcegos. Segundo o médico Dráuzio Varella (2014), já houve casos de surtos do Ebola, na África, em 1995 (254 mortos), 2000 (224 mortos), 2007 (187 mortos), mas foram controlados. Já o surto da doença que se iniciou em 2014 foi considerado pela Organização Mundial de Saúde (OMS) como “emergência sanitária mundial”. A doença é considerada controlada apenas após 42 dias sem nenhum novo caso registrado.

A epidemia do Ebola foi considerada negligenciada por algumas ONGs humanitárias. Segundo o site da ONG Médicos Sem Fronteiras¹², o Ebola está entre as dez maiores crises humanitárias esquecidas pela mídia. O Secretário de Vigilância em Saúde, do Ministério da Saúde, Jarbas Barbosa (2014) declarou que o Ebola, por ser uma doença com alto nível de risco contagioso, causa inquietação na população e a mídia ajuda a fomentar essa inquietação. O médico infectologista da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Edimilson Migowski (2014), afirma que a mídia, muitas vezes, é a responsável por causar alardes desnecessários à população.

O jornalismo tem por obrigatoriedade fazer a cobertura de um caso com risco epidemiológico global. Uma vez que seu papel é informar, é de supra importância a

¹² Organização Sem Fins Lucrativos – Médicos Sem Fronteiras, disponível em: <http://www.msf.org.br/noticias/dez-maiores-criises-humanitarias-de-2009> Acesso em: 27/05/2016

população saber quais medidas devem tomar. Durante o surto de Ebola, o médico Luiz Alberto Londres (2014), em entrevista ao programa *Observatório de Imprensa*, falou que a cobertura da imprensa tem mesmo que ser feita, pois o Ebola estava se alastrando e isso seria um risco, mas, para ele, a mídia gosta da desgraça e tende a fazer alarde.

A repórter da Folha de S. Paulo Patrícia Campos Mello (2014)¹³ esteve em Serra Leoa durante o período do surto do Ebola. Para ela, é de suma importância a presença do profissional da mídia no local da tragédia. Logo após o retorno ao Brasil, Mello dá um depoimento para o programa *Observatório da Imprensa*, coordenado pelo jornalista Alberto Dines.

É muito importante a gente ter jornalistas lá pra colocar a cara na tragédia que está acontecendo. A gente acostuma a ler muito números, pessoas ficando doentes, pessoas morrendo e isso se perde, pois a gente acaba por não ver as histórias dessas pessoas e quem são essas pessoas. A cobertura do Ebola foi interessante, ao mesmo tempo que triste. Eles subestimaram a importância da doença, acharam ‘olha, mais um surto em alguns países africanos’. A grande mídia falou, ‘por que a gente vai se interessar?’. E de repente a coisa foi crescendo e foi se espalhando e se transformou no maior surto da epidemia. O fato de você ter pessoas lá, cobrindo, por um lado você pode mostrar realmente como é a transmissão. Acho super importante você poder em todas as matérias especificar: ‘olha, não é gripe, não se pega pelo ar, você precisa encostar nos fluidos de uma pessoa que esteja sintomática’. E por outro lado você mostrar como é que isso está afetando cada um dos países, são países que no caso, Libéria e Serra Leoa saíram de anos de Guerra Civil, já não existe mais Estado. Agora você tem um Estado que é quase inexistente tendo que lidar com a epidemia.” (Em depoimento ao programa, no dia 21/10/2014).

Mello diz que o jornalismo de hoje está acostumado a receber as informações das agências de notícias. Habitua-se com os números e apegam-se a quantidade de número de mortos e doentes, e pouco se falam sobre o ser humano em sua vivência, com suas histórias e suas dores. A repórter também trata sobre a importância da ida do profissional da mídia até o local. Isso gera uma maior proximidade do jornalista com as vítimas. Fica mais acessível o jornalista colocar o ser humano como centro das preocupações, um dos fatores essenciais para a produção de um jornalismo mais humanizado.

No caso da epidemia do Ebola, a Folha de S. Paulo optou por encaminhar um correspondente até o local da tragédia, a fim de conseguir informações que vão além dos

¹³ Programa Observatório da Mídia. Ebola e a Mídia. Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/oitv/ebola-e-a-midia/>. Acesso em: 12/5/2016

números e informações que vão além das agências de notícias. Porém, o processo não foi tão simples. A jornalista Patrícia Campos Mello (2014), que foi a profissional enviada a Serra Leoa, conta para o programa *Observatório de Imprensa* que sua ida foi muito difícil, pois há uma barreira enorme pra conseguir entrar nos países e, após a entrada, o tempo de estadia era limitado, não podia ficar muito tempo.

A jornalista ainda relata que conseguiu maior ajuda com a ONG Médicos Sem Fronteiras, pois naquele momento de surto epidêmico, a ONG tomou à frente da circunstância, uma vez que no país havia uma situação socioeconômica fraca, o governo perdia cada vez mais seu papel e a área da saúde não dava conta de cuidar dos enfermos pelo Ebola.

Apesar das dificuldades, Mello (2014) relata que foi bem recebida pelos africanos. Após sua estadia, Mello e seus cinegrafista ainda tiveram que ficar por cerca de alguns dias em um quarto de hotel no Brasil até terem certeza de que não contraíram o Ebola.

A Folha de S. Paulo fez a cobertura do surto de Ebola a partir do mês de abril de 2014 e teve seu maior pico de matérias nesse mesmo ano, apesar da OMS declarar o surto epidêmico começou em março de 2014. O que confere com as declarações da ONG Médicos Sem Fronteiras sobre o fato da epidemia ter sido negligenciada. As notícias sobre o Ebola começam a ganhar destaque no momento em que há um risco de epidemia global. Enquanto a doença se mantinha na África, não ganhava destaque midiático.

A mídia tem responsabilidade e um papel a cumprir diante de uma epidemia como a do Ebola. Segundo Alberto Dines (2014), a inquietude da mídia se manteve até o momento em que houve um médico infectado. Porém, ainda segundo o jornalista, é necessário efetuar um jornalismo sem negligências, e a mídia deve se comportar com cuidado para não gerar alarde e exageros.

Já o médico Luiz Alberto Londres (2014) diz que a mídia faz muito alarme e assombra a população. Também afirma que, por vezes, a cobertura é feita de maneira superficial, não entrando em profundidade na origem dos fatos.

Apesar dos cuidados tomados pela Folha de S. Paulo, vale ressaltar que o posição do jornal influencia de alguma forma o leitor, podendo mantê-lo informado ou gerando alarde. Não há um efeito direto da mídia sobre o público, como apontam as recentes teorias do Jornalismo, especialmente aquelas voltadas para os estudos de recepção, mas há percepções diferentes de dado acontecimento conforme a frequência, enquadramento e destaque que são dados pela imprensa

O Ebola reflete a fragilidade o sistema econômico e da área da saúde da África, e traz algumas reflexões frente as organizações mundiais, sobre como o mundo está preparado para enfrentar determinada patologia. Cabe questionar a forma como determinada situação foi exposta pela mídia. Será que a mídia deu destaque ao caráter meramente alarmante com intuito mercadológico, ou levou-se à população conhecimento sobre a extrema fragilidade do cenário mundial da época?

A análises das matérias publicadas pela Folha de S. Paulo tem como objetivo identificar os conteúdos mais evidenciados na cobertura citada, a fim de compreender como as reportagens contribuem para a construção dos “saberes” da epidemia.

6 ANÁLISE DAS NOTÍCIAS

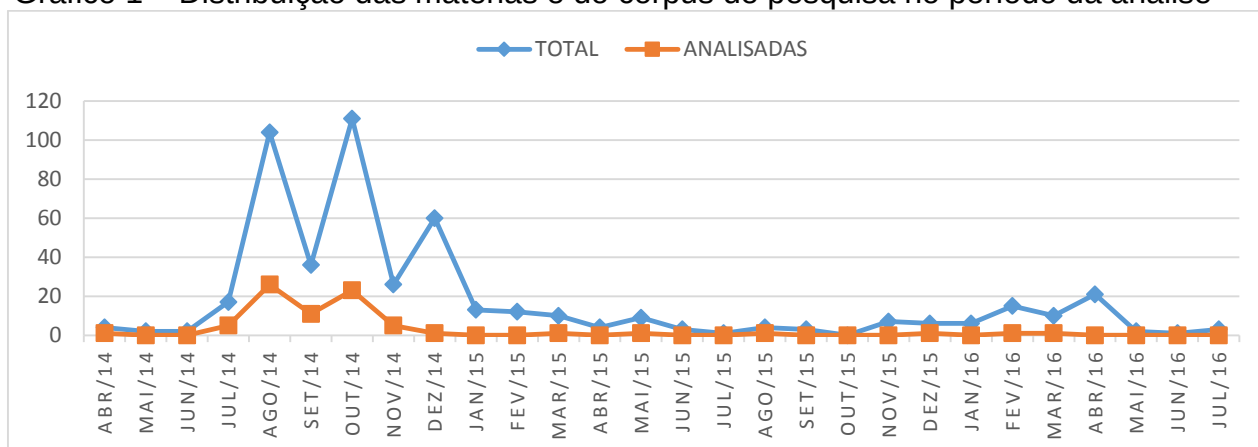
Neste capítulo apresentam-se as análises quantitativa e qualitativa, conforme previamente explicadas no capítulo metodológico, das 78 matérias da Folha de S. Paulo sobre a epidemia do Ebola que fazem parte do *corpus* da pesquisa. Recordase que o método de análise de dados utilizado foi a Análise de Conteúdo. Trata-se de forma separada a análise quantitativa e análise qualitativa.

6.1 Análise quantitativa:

As 78 matérias produzidas pelo jornal escolhido para análise estão dispostas em várias editoriais, ao longos do anos trabalhados. A realização da análise inicia-se no mês de abril de 2014 e vai até o mês de julho de 2016. Nos meses de janeiro, fevereiro e março de 2014 não houve publicação referente ao Ebola pela Folha de S. Paulo, apesar da OMS ter decretado o Ebola uma epidemia no mês de março de 2014. O período da pesquisa segue até o mês de julho de 2016, quando foi decretado o fim da doença nos países africanos pela OMS.

No período apontado, há 494 citações da palavra Ebola encontradas nos jornais, porém, após triagem, selecionaram-se 78 matérias para análise. Isso ocorre, como já dito, devido ao grande número de material coletado com a palavra Ebola fora do contexto epidêmico e em pequenas chamadas na primeira página do jornal, indicando o leitor para ler o material sobre a epidemia no interior do jornal ou no portal da Folha OnLine. Como a busca é feita pelo site de acervo da Folha de S. Paulo impressa, qualquer citação da palavra é configurada na busca. Após eliminar essas chamadas e excluirmos as matérias em que a colocação da palavra Ebola está fora do contexto, assim como as matérias de opinião e o material produzido por jornais internacionais e apenas reproduzido pela Folha de S. Paulo, chega-se ao número de 78 matérias, entre reportagens, notícias e notas para análise. No Gráfico 1 apresenta-se a distribuição de matérias publicadas com a referência ao Ebola e a distribuição do *corpus* de pesquisa.

Gráfico 1 – Distribuição das matérias e do corpus de pesquisa no período da análise

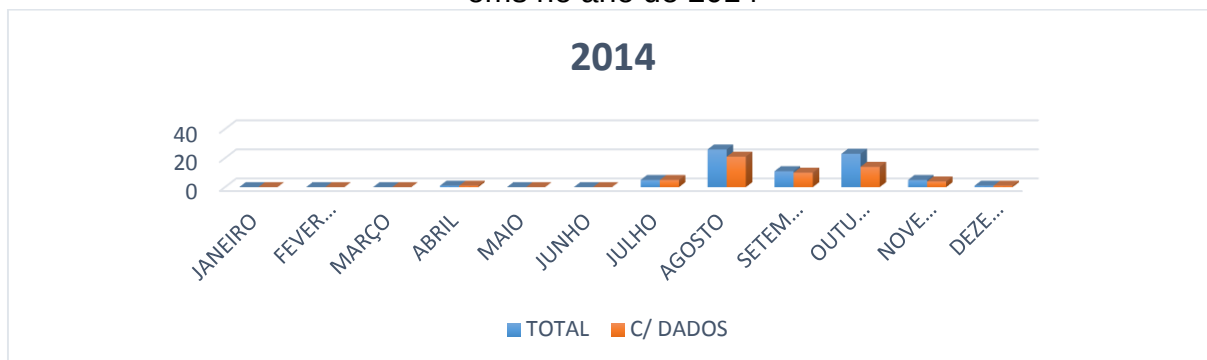


Fonte: SOBRINHO (2016)

O gráfico acima revela que o pico de notícias sobre a epidemia do Ebola ocorreu nos meses de agosto e outubro de 2014. Foi no mês de agosto em que um médico americano se infectou com a doença e fez seu tratamento nos Estados Unidos. Com a ida do médico à América, gerou-se um grande alarde com o medo de que a epidemia se espalhasse no país. O pico, no início do mês de agosto, mostra a importância que a mídia deu quando um não-africano foi infectado pelo vírus do Ebola. Enquanto que no mês de julho de 2014 houve 17 matérias produzidas, no mês seguinte, em agosto de 2014 houve 104 matérias da Folha de S. Paulo.

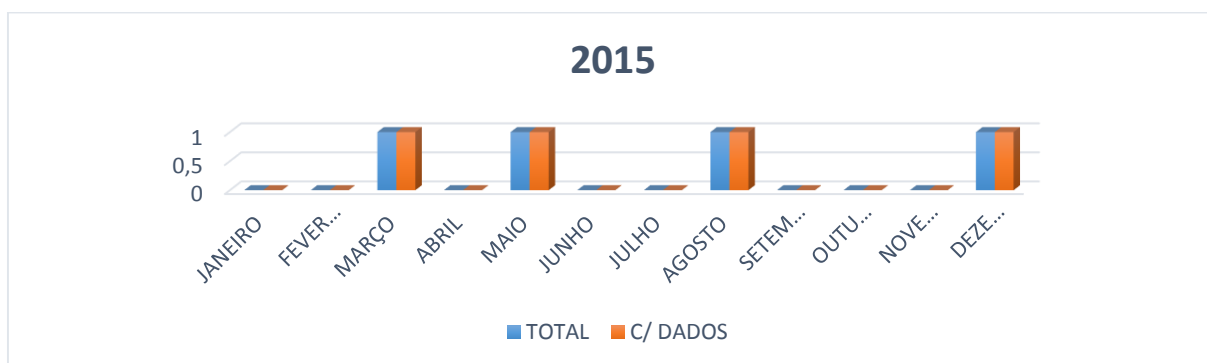
Segundo Kovach e Rosentiel (2003), um dos fatores que podem tornar o jornalismo distante é o excesso de uso de dados com base em tabelas e gráficos. A jornalista Patrícia Campos Mello (2014), que esteve em frente da tragédia, também defende a ideologia do profissional da comunicação no local do acontecimento. Segundo ela, os números se perdem e acaba-se por não saber quem são as pessoas. Para exemplificar isso, analisa-se a quantidade de citações dos dados fornecidos pela OMS no caso do Ebola:

Gráfico 2 – Comporativo do total de matérias x matérias com dados fornecidos pela oms no ano de 2014



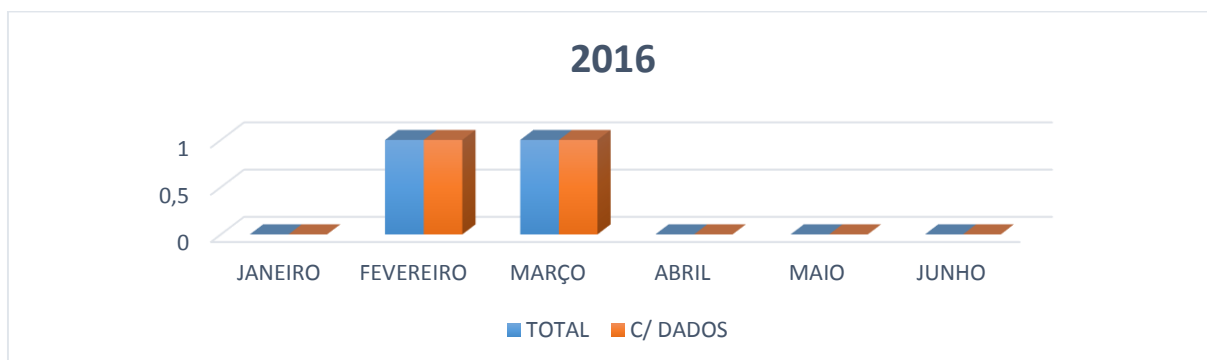
Fonte: SOBRINHO (2016)

Gráfico 3 – Comporativo do total de matérias x matérias com dados fornecidos pela oms no ano de 2015



Fonte: SOBRINHO (2016)

Gráfico 4 – Comporativo do total de matérias x matérias com dados fornecidos pela oms no ano de 2015



Fonte: SOBRINHO (2016)

Observa-se que as matérias do corpus utilizam os números dos mortos em quase sua totalidade. Com exceção de 2014, ano em que a epidemia estava mais crítica, houve momentos em que os números não aparecem nas notícias. Foi, também, no ano 2014 que a jornalista enviada da Folha de S. Paulo, Patrícia Campos Mello esteve à frente da tragédia. O que comprova que quando o jornalista está no local onde a notícia ocorre, é possível fazer jornalismo com base nos relatos das pessoas e não com base em números. O que levanta um dos pontos de Ijuim (2012) de que o ser humano deve ser posto em valor central. Abaixo segue exemplo de como podemos encontrar esses dados nas matérias:

Segundo balanço divulgado nessa sexta (15), o número de mortos do surto chegou a 1.145, enquanto os casos confirmados somam 2.127 em quatro países: Guiné, Serra Leoa e Nigéria. (FOLHA DE S. PAULO, 2014, p. A26)

A epidemia do Ebola já contaminou 8.300 pessoas e matou 4.033, principalmente na Libéria, Serra Leoa e Guiné, países do oeste africano. (FOLHA DE S. PAULO, 2014, p. A10)

Desde o início da epidemia, no ano passado, 23.983 pessoas foram contaminadas e 9.823 morreram. O maior número de casos ocorreu em Serra Leoa (11.497 com 3.565 mortes), Libéria (9.249 casos, 4.117 mortes) e Guiné (3.237 casos, sendo 2.141 mortes). (MELLO, 2014, p. A12)

Outro aspecto também analisado foram as fontes de informações utilizadas pela Folha de S. Paulo na produção do material publicado. Quem são as fontes de informação sobre a epidemia para o jornal em análise? As fontes de informações foram separadas nos seguintes grupos:

Grupo 1 - Profissionais da área da saúde (médicos, enfermeiros, cientistas, hospitais e farmacêuticos)

Grupo 2 – OMS (Organização Mundial da Saúde).

Grupo 3 – ONU (Organização das Nações Unidas).

Grupo 4 – ONGs (Médicos Sem Fronteiras, Cruz Vermelha, Instituto Nacional de Saúde dos Estados Unidos, ONG Plan International; Unicef; Programa Mundial de Alimentos; EcoHealth Alliance, Organização Humanitária Samaritan's Purse)

Grupo 5 – Autoridades (Presidentes; Ministros; Secretários; Diretores; Chefes de Estados)

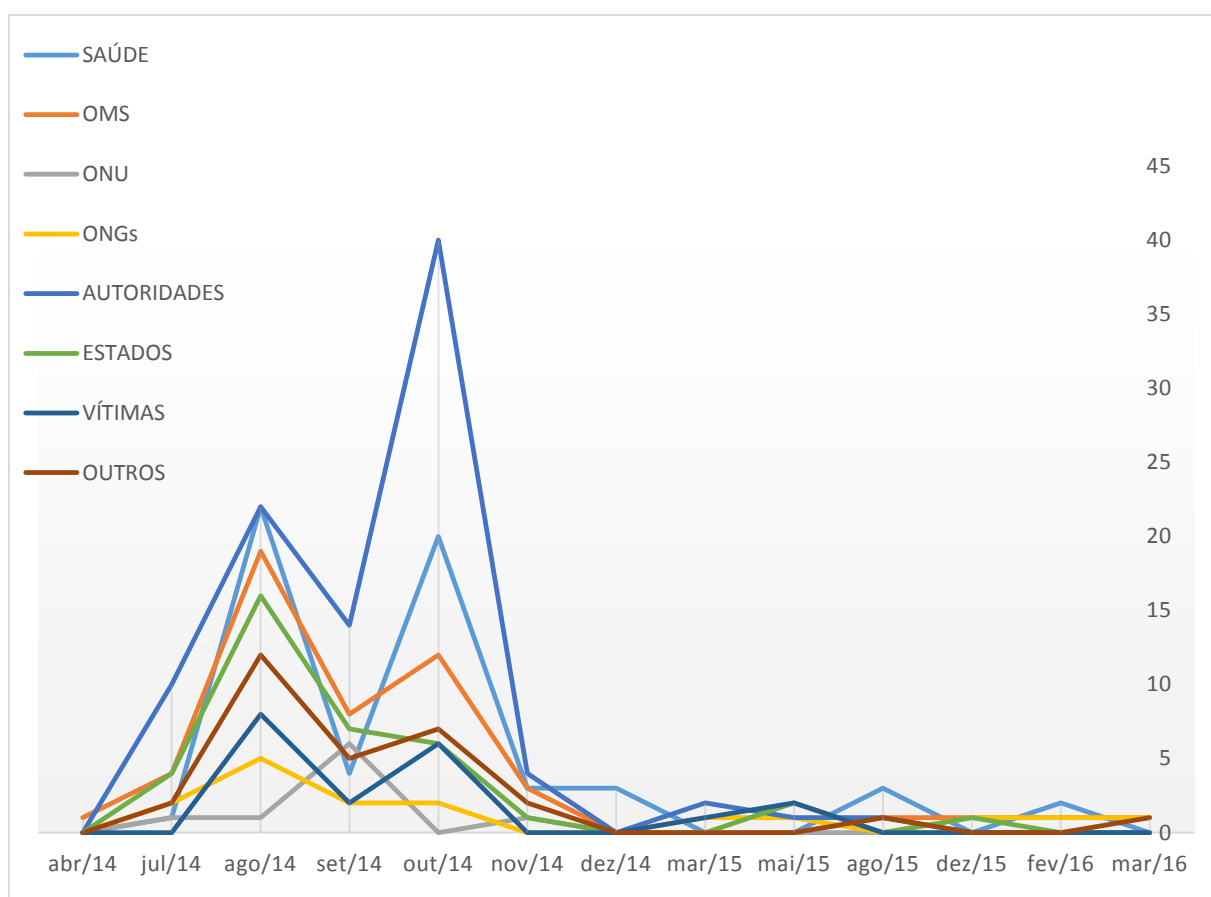
Grupo 6 – Estados (EUA; Canadá; Cuba; Austrália; Serra Leoa; Guiné; Libéria...).

Grupo 7 – Vítimas (Pacientes; familiares; amigos)

Grupos 8 – Outros (Cias Aéreas; Banco Mundial; Igrejas; Jornais).

A seguir podemos observar a quantidade de fontes, divididas em seus grupos, citadas no material analisado em sua totalidade.

Gráfico 5 – Quantidade de fontes por grupos analisados por meses



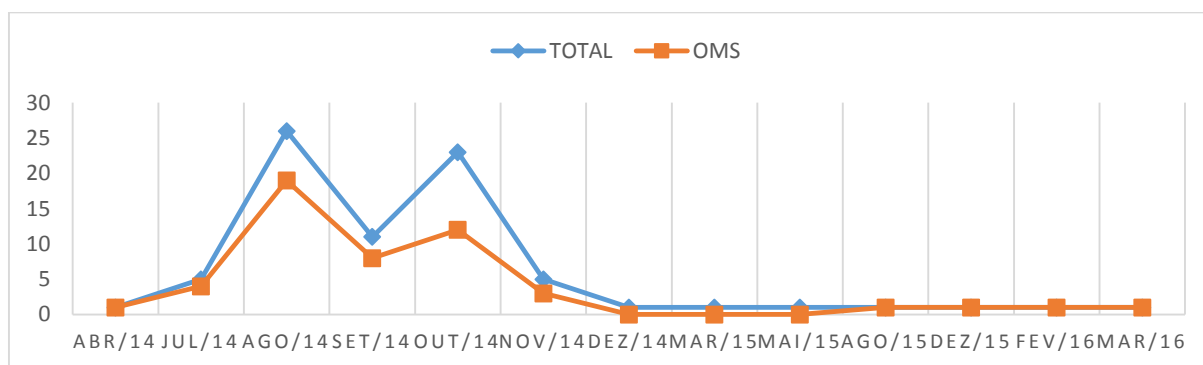
Fonte: SOBRINHO (2016)

Como pode-se verificar há um número muito elevado de fontes da categoria “Autoridades” (fontes oficiais), isso se dá devido à menção de mais de uma fonte de autoridades em uma mesma matéria. Pode-se também ver que há um número mais baixo na grupo “Vítimas”, porém com um pico no mês de agosto. Este foi o mês em que Mello esteve no local da epidemia, o que facilitou a produção de material embasado em pessoas e com menos números para o jornal *Folha de São Paulo*.

Para facilitar a visualização, separa-se os dados de cada fonte por número de total de matéria analisada. Por exemplo: matérias analisadas por autoridades ou

matérias analisadas por ONGs. Pode-se citar primeiramente a fonte da OMS, fonte constantemente consultada para a produção de material jornalístico da Folha de S. Paulo sobre o Ebola.

Gráfico 6 – Corpus x menção à OMS



Fonte: SOBRINHO (2016)

Observa-se que há uma coincidência entre a linha de total de matérias analisadas e as citações da OMS, porque a OMS é a principal fonte utilizada para atualizar o número de mortos e número de infectados. Em praticamente todas as matérias analisadas há os dados fornecidos pela OMS. Observe os trechos abaixo:

O comitê de ética da Organização Mundial da Saúde (OMS) aprovou em reunião o uso de tratamentos não homologados para lutar contra a febre hemorrágica do ebola, segundo um comunicado divulgado nessa terça (12) (FOLHA DE S. PAULO, 2014, p. A10)

Um painel realizado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) com especialistas em ética médica começou nesta segunda (11) a discutir o uso do tratamento experimental contra o ebola em pacientes da África ocidental. (FOLHA DE S. PAULO, 2014, p. A13)

A Organização Mundial da Saúde (OMS) pediu nesta quinta-feira (4) a especialistas que avaliem e desenvolvam dez tratamentos experimentais contra o ebola. A intenção é tentar buscar uma cura definitiva à doença, que já teve 3.707 casos confirmados e 1.848 mortes no oeste da África. (FOLHA DE S. PAULO, 2014, p. 18)

Conclui-se que o maior destaque do material produzido pela Folha de S. Paulo é dado aos números fornecidos pela OMS, mesmo com muitas fontes de informações,

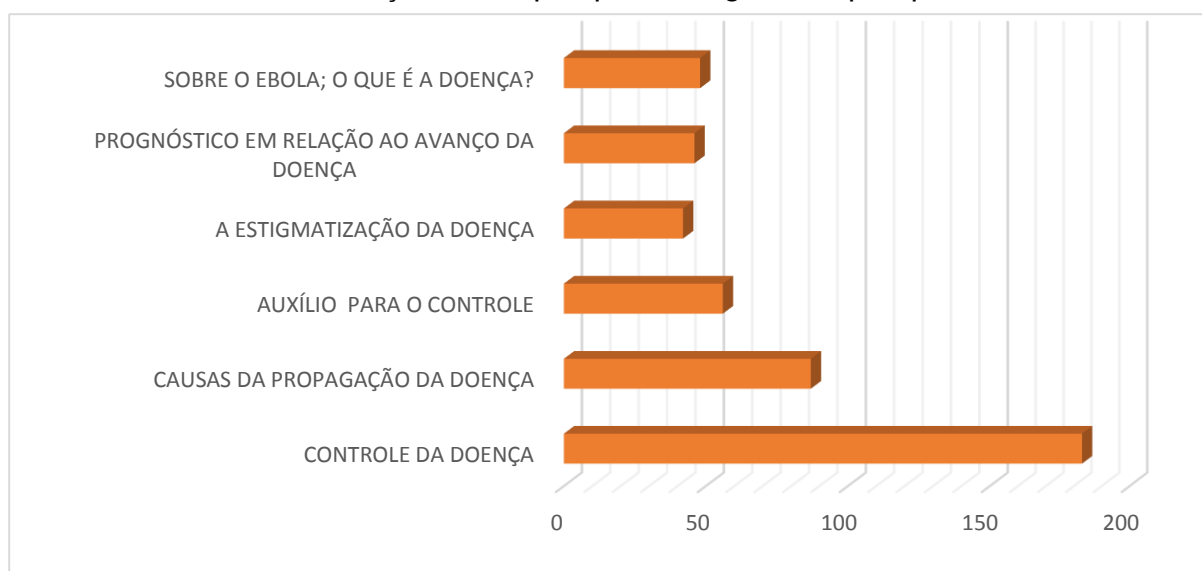
como médicos, enfermeiros, biólogos e farmacêuticos, que estão envolvidos na produção de medicamentos e vacinas, chefes de estados ao redor do mundo, vítimas, familiares e amigos. Porém, mesmo a OMS sendo uma fonte confiável, a própria organização informa que os números gerados não podem ser tomados como verdades absolutas, uma vez que não são contabilizadas as pessoas que morreram em áreas mais isoladas e nos vilarejos ou pessoas que não passaram por hospital – e que contaminaram várias outras pessoas. Os dados fornecidos pela OMS fazem parte do controle de número de infectados que procuraram os hospitais da ONG Médicos Sem Fronteiras e outras ajudas humanitárias.

Em números, a epidemia do Ebola foi, provavelmente, muito mais devastadora do que informadas nas notícias da Folha de S. Paulo.

6.2 Análise qualitativa

A análise qualitativa divide-se em seis categorias, já descritas no capítulo metodológico. São elas: 1. Controle da Doença; 2. Causas da propagação da doença; 3. Auxílio para o controle da doença; 4. A estigmatização da doença; 5. O prognóstico em relação ao avanços da doença; 7. Sobre o Ebola, o que é a doença?. O gráfico abaixo revela a distribuição dos parágrafos das 78 matérias jornalísticas nas seis categorias construídas a partir das leituras preliminares:

Gráfico 7 – Distribuição do corpus pela categoria da pesquisa



Fonte: SOBRINHO (2016)

Nas 78 matérias selecionadas, analisa-se parágrafo por parágrafo a fim de identificar qual a categoria que predomina na cobertura sobre o Ebola do jornal analisado. Algumas matérias, mais completas, trazem em sua estrutura quase todas as categorias, porém, outras se limitam a apenas uma.

Na categoria “Controle de Doenças” temos 183 parágrafos localizados, já na categoria “causas da propagação da doença” encontra-se 87 parágrafos. “Auxílio para controle da doença” apresenta 56 parágrafos, a categoria de “Estigmatização da doença” tem-se 42 parágrafos. Em “Prognóstico em relação ao avanço da doença” encontra-se 46 parágrafos. E, por fim, a categoria “Sobre o Ebola, o que é a doença?” contém 48 parágrafos.

Após a análise, chega-se a constatação de que houve um número muito elevado de matérias sobre o controle da doença, mais que o dobro da segunda colocada, a categoria sobre as causas da propagação da doença. Isso se dá pelo fato de que em praticamente quase todas as matérias havia alguma informação sobre as formas de controle, pois havia um medo muito grande da epidemia se alastrar para mais países. Por outro lado, a categoria que menos apareceu foi sobre a estigmatização da doença, que trata de forma mais específica sobre as pessoas contaminadas e a situação por qual se passavam, o baixo número (42) dá-se pelo difícil acesso à área contaminada, o que dificulta o acesso a essas informações também. Durante toda a epidemia, a Folha de S. Paulo deslocou uma pequena equipe de reportagem à Serra Leoa, país mais atingido pelo Ebola, porém não foi possível que a estadia da repórter e do câmera se prolongassem, pois havia um risco muito grande de contágio. Nos outros períodos, as notícias eram produzidas através de informações vindas de agências de notícias e sites oficiais – logo, não era produzidas pelos jornalistas da empresa.

A seguir, analisam-se as categorias uma a uma, a fim de examinar seus efeitos humanizadores ou desumanizadores de acordo com o que foi estudado ao longo da pesquisa.

6.2.1 O controle da Doença

Na **categoria 1 – Controle da doença** separa-se todos os trechos do corpus analisado em que contém informações sobre como controlar a doença. Nesse conjunto enquadram-se informações de precaução, como o que se deve fazer para

evitar a doença. Também as medidas tomadas pelos médicos e enfermeiros para a cura da doença e como os cientistas buscavam novos medicamentos e vacinas para cura.

Para identificar a precaução da doença enquadram-se informações como: lavar sempre as mãos com cloro, não tocar em ninguém e procurar os hospitais no aparecimento dos sintomas. Quando o paciente já foi diagnosticado com o Ebola e está internado nos hospitais, os profissionais da saúde devem seguir protocolos rigorosos para que a doença não se alastre. A equipe dos Médicos Sem Fronteiras possuía roupas especiais para ter acesso aos pacientes com alto risco de contaminação e a ONG Cruz Vermelha, responsável por fazer os enterros, também seguia padrões rigorosos, pois no momento da morte o corpo libera muitos fluidos, que podem contaminar quem tiver ao redor.

Nessa categoria também se enquadram os estudos e descobertas científicas feitas por cientistas para o combate da doença. Apesar do aparecimento dos medicamentos, ainda era muito recente o uso em humanos e era desconhecido os efeitos colaterais. Foi o surgimento da vacina que possibilitou o controle da doença. Nessa categoria encaixa-se qualquer esforço feito para o controle da doença, seja antes, como precaução; durante, como os cuidados tomados com os doentes; e depois, com o surgimento dos medicamentos e vacinas.

Destaca-se também nessa categoria as medidas tomadas por chefes de Estados e presidentes ao longo de toda a epidemia para o controle de entrada e saídas de pessoas vindas desses países, e as decisões tomadas por companhias aéreas para o combate ao longo dos meses de maior risco epidemiológico.

Das 78 matérias (462 parágrafos) analisadas, foram registrados 183 menções de informações para o controle da doença, o maior número entre as categorias. Vale destacar que no período da epidemia havia muito risco - se falava em risco mundial-, por conta disso as notícias sobre o controle da doença eram relevantes.

Para conter a doença, o governo do país está vigiando as fronteiras e fazendo uma campanha de conscientização com a população (FOLHA DE S. PAULO, 2014, p. A19)

Também nesta sexta, a OMS anunciou que especialistas concordaram em usar medicamentos à base de sangue e soro (material sanguíneo sem os glóbulos brancos e vermelhos de pacientes que sobreviveram) (FOLHA DE S. PAULO, 2014, p. 7)

Conter uma epidemia do vírus do ebola nos Estados Unidos não é difícil: o país tem amplas condições de identificar e isolar as pessoas que tiveram contato com o homem contaminado (VALLONE, 2014, p. A8)

Pode-se observar nessa categoria que houve diferenças sobre o como foi conduzida a epidemia. No primeiro momento, havia uma maior precaução sobre viagens ao exterior e o contato com pessoas vindas dos países atingidos. Porém, depois que houve americanos e europeus infectados, as notícias foram tratadas de forma diferente: as matérias se intensificaram e as medidas tomadas para o seu controle também. Isso remete a uma cobertura internacional pensada especialmente sob as preocupações dos países do Norte Global; as notícias ganham ênfase quando ameaçam os países mais desenvolvidos, já que a morte nos países mais pobres, da África, não possui a mesma força de noticiabilidade do que o possível risco de morte dos países mais ricos. Os critérios de relevância e proximidade geográfica explicam parte deste recorte, já que as agências de notícias e os correspondentes internacionais costumam estar focados nos centros de decisões políticas e econômicas – e não nos espaços de vulnerabilidade social. Além disso, o fato de as agências de notícias internacionais estarem concentradas na Europa e nos Estados Unidos também dão pistas de o porquê desta situação.

Em outra medida tomada, no momento mais crítico do surto epidêmico, os três países mais atingidos decidiram aplicar o chamado “cordão de isolamento”, método considerado por muitos especialistas como antiquado, utilizado na época da tifo¹⁴, na década de 1930. Essa decisão foi muito criticada pela OMS, mas não houve crítica ou apoio por parte da *Folha S. Paulo*. Contudo, observa-se que houve um cuidado muito grande em explicar que esse método não é mais usual nos dias de hoje.

O Surto do Ebola do oeste da África está tão fora de controle que os governos dos três países mais afetados estão usando cordão sanitário, que não era aplicado há 96 anos. A estratégia consiste em cercar a área infectada e impedir que as pessoas saiam dela. Os cordões não são usados desde 1918, quando a fronteira entre a Polônia e a União Soviética foi fechada para evitar o avanço do tifo. “Quando cordões são impostos, os direitos humanos devem ser respeitados”, diz Gregory Hartly, porta-voz da OMS, que na semana

¹⁴ Tifo é uma doença causada pela bactéria *Rickettsias* é transmitida ao homem pela picada de insetos, como piolho, pulga, e carrapatos. No corpo humano as bactérias se proliferam provocando lesões graves, muitas vezes irreversíveis. Fonte (<https://drauziovarella.com.br/letras/t/tifo/>)

passada chamou o surto de emergência de saúde global. (MCNEIL, 2014, p.A12)

Outro fator importante a se ressaltar é a medida de controle em aeroportos. Países como Austrália e Canadá tomaram medidas drásticas de proibir a entrada de pessoas vindas dos países atingidos e cancelaram os voos que iriam para a África, apesar da distância geográfica e o do risco da epidemia chegar até eles fossem menores. A Folha de S. Paulo escutou um professor australiano sobre a média tomada pelo país. O professor universitário afirma que pela distância geográfica não seria necessária tais medias tomadas por esses países.

Os riscos para a Austrália são pequenos devido ao isolamento geográfico do país, de acordo com Adam Kamradt-Scott, professor do Instituto de Doenças Infecciosas e Biossegurança da Universidade de Sydney. 'Esta é uma decisão puramente política' disse Kamradt-Scott. 'Há muito pouca evidência científica ou racionalidade médica para fazer isso'." (FOLHA DE SÃO PAULO, 2014, p. A14)

Apesar da Folha de S. Paulo citar a opinião do professor australiano, não há maior aprofundamento sobre essas questões, e as opiniões contrárias se prevalecem em quantidade.

O Brasil adotou a medida de controle de passageiros e medição de febre em aeroportos internacionais. Apesar da desconfiança sobre a doença, não houve nenhum caso comprovado de pessoas infectadas que vieram ao Brasil. A Folha de S. Paulo também criticou as medidas tomadas pela Austrália e pelo Canadá, mas buscou deixar claro que não haveria um risco grande da epidemia chegar a esses países devido à distância geográfica. Para afirmar isso foi utilizado a voz de um especialista (veja no último trecho).

O Canadá anunciou que suspenderá a concessão de vistos a cidadãos de países da África Ocidental afetados pelo Ebola. (FOLHA DE S. PAULO. Domingo, 2 de novembro de 2014. Matéria: Canadá suspende vistos a países afetados pela Ebola.)"

O governo da Austrália decretou uma proibição geral de vistos para países da África Ocidental afetados pelo surto do Ebola. Está vetada a entrada de qualquer pessoa de Serra Leoa, da Guiné e da Libéria, as três nações com o maior número de casos. (FOLHA DE S. PAULO, 2014, p. A20)"

O Ministério da Saúde recomendou maior rigor em portos e aeroportos na identificação de passageiros com eventuais sintomas suspeitos, em razão do

surto do vírus do Ebola na África Ocidental. O ministro Arthur Chioro (Saúde), porém, disse não haver “nenhuma expectativa” de a doença ganhar dimensão global. O governo também afirma não ter registrado suspeita de Ebola no Brasil até agora e diz ser muito pouco provável que alguma pessoa doente chegue ao país. (FOLHA DE S. PAULO, 2014, p. A17)

Para as informações inseridas nesta primeira categoria constata-se que o jornal Folha de S. Paulo esteve mais preocupado em informar as medidas de controle utilizadas pelos países atingidos e a reação de outros países que tinham o medo da epidemia do Ebola. Isso demonstra que a epidemia do Ebola só ganhou maior força midiática diante do risco da epidemia se alastrar para nível global. Anterior a isso, enquanto a doença atingia apenas africanos, a Folha de S. Paulo não dá destaque a esse acontecimento. Outro fato que comprova isso é que as notícias são construídas em relação aos outros países, que podem ser atingidos, ou como estão os preparativos caso ocorra um caso suspeito em outro país europeu ou americano. Não há muitas informações sobre os países em que estavam ocorrendo a epidemia, nem sobre suas situações socioeconômica ou socioculturais.

A Folha de S. Paulo seguiu a lógica do jornalismo informativo, levando ao leitor informações sobre o cuidado e prevenção. Porém, as medidas de cuidados e prevenção parecem prevalecer para países não africanos.

6.2.2 Causas da Propagação da Doença

Nessa categoria enquadram-se as informações sobre as formas de contágio da doença e como ela é transmitida. Com 87 citações em parágrafos, o segundo maior índice da pesquisa, nesta categoria encontram-se informações sobre os sintomas, como as pessoas podem se infectar quando entram em contato com alguma pessoa sintomática, informações sobre a forma de enterro dos muçulmanos, que gerou um grande número de pessoas infectadas, ou como um profissional da saúde estavam vulneráveis a infecção. Aqui também enquadram-se as informações de pessoas que foram infectadas e saíram do país em que estavam, levando a outros países um possível risco de contágio a mais pessoas.

O Ebola só é transmitido através do contato com o sangue, tecidos ou fluidos corporais de indivíduos doentes ou pelo contato com superfícies e objetos

contaminados. O vírus somente é transmitido quando surgem os sintomas. (FOLHA DE S. PAULO. 2014, p. C1)”

Profissionais da saúde e funcionários de necrotério que não tomam as precauções necessárias no contato com os corpos de pessoas mortas pela doença são as principais vítimas do surto. (FOLHA DE S. PAULO, 2014, p. A14)

Sharif morreu em casa e contaminou a mulher e o filho de um ano, que também morreram. Seu amigo Tanga não foi ao enterro. Ele nunca mais foi a Daru e não deixa sua mulher e filhos saírem de casa. A maioria das pessoas tem medo de hospitais e mantém os doentes em casa, aumentando a contaminação. O contágio se dá através de fluidos – contato com a saliva, sangue, vômito, suor ou objetos que tenham sido tocados (MELLO, 2014, p. A17)

Aqui se observa mais de perto a situação dos muçulmanos no país, pois na religião há um ritual de lavagem de corpos durante o velório, o que foi banido no caso de pacientes que morriam de Ebola devido ao risco da doença se alastrar. A fim de prevenir a expansão da doença, houve uma proibição de uma organização mundial no contexto religioso. Mas, essa proibição foi entendida pelos muçulmanos? Qual a perspectiva deles sobre esta questão? A Folha de S. Paulo não traz a visão desse grupo de pessoas, não dá relatos de como os religiosos têm o entendimento da situação - o que é colocado é apenas a imposição de novas normas de velório e enterro, não há informações de como ficam as famílias diante de tais circunstâncias.

O contato com o cadáver de pessoas que morreram de Ebola também pode causar a infecção. Por isso os corpos devem ser enterrados por profissionais protegidos por equipamentos de segurança. (FOLHA DE SÃO PAULO, 2014, p. A15).

Outra questão importante é que, quando há a citação de algum africano, há um tratamento diferenciado. Enquanto as outras referências de outros países são dadas por nome, sobrenome e profissão e/ou cargo governamental. Os africanos são citados apenas pelo nome. O que demonstra uma diferenciação de tratamento feito pelo jornal entre os africanos e o resto do mundo.

Quando a ambulância levou a mãe de Ali T. 12, em julho do ano passado, ele sabia que nunca mais a veria. “Ninguém que vai para o hospital com Ebola volta vivo”, contou Ali, olhando para o chão. (MELLO, 2014, p. A14)

Apesar da liberdade de crenças e o respeito à cultura do próximo ser um dos fatores humanizadores de Ijuim (2012), nesse caso as medidas tomadas desrespeitaram a crença de uma comunidade, mas a medida foi tomada em prol da vida humana, a fim de controlar a doença e diminuir o número de mortos. Apesar de muitos muçulmanos se sentirem ofendidos por terem um parente sendo enterrado fora dos padrões da religião, controlar o número de infectados e mortos por Ebola foi considerado uma causa mais humanizadora, colocando assim a vida humana em valor central.

O jornal Folha de S. Paulo não interveio de forma crítica às religiões orientais, nem desvalorizou ou desrespeitou qualquer crença ou cultura, mantendo a linha do jornalismo informativo e dando foco aos quesitos sobre o controle da doença.

6.2.3 Auxílio para a doença

Nessa categoria estão as matérias que dizem respeito à ajuda ofertada por outros países, sendo financeira ou não. Alguns países ajudaram com dinheiro, outros países com envio de médicos, com profissionais da área da saúde e outros países ajudaram com o envio do exército e outros com mantimentos.

Entra nessa categoria também o auxílio ofertado pelas ONGs de ajuda humanitária que prestavam serviço para as comunidades mais afetadas. Aqui observamos que houve maior ajuda por conta dos Estados Unidos e de Cuba. Os Estados Unidos foi o país que mais ajudou financeiramente e com o maior número de recursos; já Cuba foi o país que mais enviou profissionais especializados para ajudar a combater a doença.

O Brasil ofertou uma ajuda financeira pequena e a Austrália se demonstrou o país mais intolerante, não oferecendo ajuda e fechando os aeroportos para pessoas que vinham desses países. Também proibiram os voos com escalas nos países atingidos ou voos com destino direto para esses países. Já o Canadá, que também bloqueou as portas dos aeroportos para as pessoas que vinham da África, foi um dos países que ajudou no financiamento para o desenvolvimento de medicamentos e vacinas.

Nessa categoria houve 56 citações, que designavam-se aos parágrafos que continham informações sobre ajuda; recursos e dinheiro.

O governo dos EUA anunciou neste domingo (3) um plano de deslocar pelo menos 50 especialistas em saúde pública para a África Ocidental, onde auxiliarão a combater o surto letal do vírus Ebola (FOLHA DE S. PAULO, 2014, p. A12)

Abubakarr Fofanah, vice-ministro da Saúde de Serra Leoa, país com um dos sistemas de saúde mais precários do mundo, disse que é preciso dinheiro para medicamentos, pessoal e equipamentos de segurança (KPODO, 2014, p. A15)

O presidente dos EUA, Barack Obama, afirmou nesta quinta (25) que todos os países devem fazer mais para conter a epidemia do Ebola que atinge a Libéria, Serra Leoa, Nigéria, Senegal e Guiné. 'Se houve na história uma emergência de saúde pública que merecia uma reação internacional coordenada, forte e urgente, é esta', afirmou em reunião convocada pelo secretário-geral da ONU, Ban Ki-moon, para discutir o problema. Para Obama, as ações anunciadas até agora mostram progresso 'Mas temos de ser honestos. Não é o suficiente. Ainda há uma lacuna significativa entre o lugar em que estamos e o lugar em que precisamos estar', disse. O presidente americano citou o plano de despachar 3.000 homens do Exército dos EUA para a Libéria, onde ajudarão na construção de centros de tratamentos e na formação de equipes médicas. A data dos envios das tropas ainda não foi divulgada. (FLECK, 2014, p. A24).

Dentro das premissas do jornalismo humanizado, ajudar o próximo é se colocar no lugar do outro, isso é apresentado nos fatores citados por Ijuim (2012): "ter o ser humano como centro das preocupações". Pode-se dizer que, quando se olha para o próximo e coloca-se em seu lugar, reconhece-se, assim, que ele precisa de ajuda. Quando Ijuim (2012) fala em colocar-se no lugar do próximo, faz-se com que aumente a capacidade do ser humano de sentir as mesmas dores que o outro. Assim, as chances de ajudar o próximo aumentam também. A Folha de S. Paulo manteve seu caráter informativo, repassando ao seus leitores as ajudas que os países africanos receberam do restante do mundo. Porém, as matérias, em sua maioria, se concentram em notícias baseadas em números, o que diminui o espaço para retartar/falar sobre as dores do mundo - nesse caso, as dores do povo africano, o que impossibilita o leitor de se sensibilizar com a causa. Quando as pessoas não sabem o que realmente se passa com o próximo, não é possível se pôr no lugar dele. Apesar de distante, é sempre possível ajudar as causas humanitárias. As próprias ONGs que estavam no meio do desastres aceitam doações feitas por meios bancários.

Citar somente números não ajuda. O ser humano tem a capacidade de se pôr no lugar de um personagem com outra história, assim acaba conhecendo a dor do próximo, mas, para tanto, precisa de informações que gerem dados de

identificação e reconhecimento. Os números se banalizam em meio as notícias, fazendo com que os relatos jornalísticos percam o valor humano.

6.2.4 A estigmatização da doença

É nessa categoria que se pode notar, de forma mais evidente, o valor humano como central, pois nesse grupo fala-se das pessoas atingidas pelas doenças e as marcas que o Ebola deixou, tanto para as pessoas contaminadas como também para familiares, amigos e para os países que foram destruídos com a doença. Aqui se encontram histórias de pessoas que passaram pelo centro médico, estiveram do lado de outras pessoas que morreram, viram familiares morrendo, etc. Apesar de sobreviverem, ao saírem do hospital, estavam com as vidas devastadas: muitos se encontravam órfãos e ainda tiveram que encarar o preconceito da sociedade. Para Ijuim (2012), são essas matérias que humanizam o jornalismo. Falar sobre o valor do ser humano, sobre discriminação, preconceitos e violência são preceitos humanizadores. E, ainda segundo Ijuim (2012), só é possível se humanizar através do saber, por isso, a importância do jornalista de gerar conhecimentos mais humanos para a sociedade.

O governo de Serra Leoa estima que 10 mil crianças tenham perdido mãe e pai (ou ambos) para o Ebola. Proporcionalmente, é como se 330 mil crianças no Brasil ficassem órfãos em uma epidemia. A maioria dessas crianças teve se sair de casa com a roupa do corpo, depois de ver os pais levados para o hospital e a casa incinerada para evitar contaminação. (FOLHA DE S. PAULO, 2015, p. A14)

A população da capital, Conacri, recebeu a declaração com sentimentos contraditórios, dado o total de mortes no país e os danos que vírus causou na economia e nos setores de saúde e de educação. 'Várias pessoas da minha família estão mortas. Essa situação nos mostrou o quanto nós devemos lutar por aqueles que são sobreviventes', disse Fanta Oulen Camara, que trabalha para a organização civil Médicos Sem Fronteiras da Bélgica (FOLHA DE S. PAULO, 2015, p. A8)

Um dos principais desafios de quem sobreviveu ao Ebola é carregar o estigma da doença em suas comunidades. 'Há a estigmatização dos sobreviventes, da equipe médica, das pessoas que conduziram os enterros,

que transportaram os doentes', diz Casaer. Para ele, é preciso que haja uma forte ação de promoção de saúde nos três países mais afetados, mas que se invista também em assistência psicológica para os sobreviventes. 'Essa é uma experiência muito traumática' (FLECK, 2016, p. A13)

Pode-se observar nos exemplos que a Folha de S. Paulo traz mais sensibilidade aos relatos sobre a epidemia do Ebola, o que antes ainda não se tinha visto. Isso só é possível com a ida da jornalista Patrícia Campos Mello ao centro da epidemia. O material oriundo das agências de notícias não trabalha, de uma forma geral, com esta perspectiva. Somente quando uma repórter foi enviada para cobrir a situação é que tornou possível a produção de matérias com as pessoas atingidas ao Ebola.

Segundo Kovach e Rosentiel (2003), estar no centro do acontecimento ajuda o profissional da comunicação a mostrar de forma mais próxima a realidade da situação. Pressuposto também trazida por Ijuim (2012), que defende o ato do jornalista estar à frente do desastre a fim de passar ao leitor as informações com mais significância, já que o jornalismo feito à distância fica muito mais longe da realidade.

A categoria de estigmatização contabilizou 42 parágrafos. O mais baixo dentre eles. É possível imaginar que isso seja justificado pelo difícil acesso às áreas atingidas, pois o risco de contágio era muito grande. Mesmo com a ida dos correspondentes da Folha de S. Paulo, seus períodos de estadia foram limitados.

Porém, é nessa categoria que há o maior número de fatores humanizadores. Colocar o ser humano como centro das preocupações, sem discriminação, ou preconceito é um dos preceitos defendidos por Ijuim (2012).

O ideal seria produzir o jornalismo feito nesses princípios, segundo Kovach e Rosentiel (2003), porém, na maioria das vezes, as circunstâncias não são favoráveis aos profissionais, o que força o jornalista a produzir material com base em agências de notícias e dados de órgãos oficiais. As limitações organizacionais e da rotina profissional são aspectos que interferem no modo como as notícias e as reportagens são produzidas, mas é preciso pensar também que há uma automatização da fabricação desses materiais, que nem sempre leva em conta os preceitos do jornalismo humanizado.

Um dos casos que chama atenção no corpus pesquisado é do africano Idrissa Nallo, que ficou 22 dias internado com o Ebola. Na época, ele concedeu um depoimento de dentro do hospital:

A primeira coisa que quer fazer é acompanhar um jogo de futebol do seu time, o Arsenal, da Inglaterra. 'Mas vou ter que tirar um tempo para reorganizar nossa vida; meu pai morreu, agora sou o mais velho e nós perdemos muita gente da nossa família', afirma. A família inteira contraiu Ebola - pai, mãe e 14 irmãos. Morreram 7, incluído o pai. (MELLO, 2014, p. A14)

O trecho acima mostra a fragilidade gerada pela epidemia, mesmo para aqueles que superam a doença. Quando algumas matérias tratam somente de dados gerados pela OMS, como "Ebola já matou mais de 10.000 pessoas", esses números se perdem. É uma quantidade muito grande de pessoas, mas no fim não se tem a informação de quem são essas pessoas ou que elas passaram ou o que/quem elas perderam. As narrativas da vida dessas pessoas permitem uma identificação e empatia com o outro, humanizando os acontecimentos.

São por meio das matérias produzidas com pessoas, onde se coloca o ser humano como protagonista da história, que se tem uma noção maior do valor dos números gerados. Se as estatísticas são importantes para gerar o sentido de veracidade e credibilidade, cabe ao jornalismo, a humanização, que permite o reconhecimento do outro e a compreensão da dimensão da diversidade.

6.2.5 O prognóstico em relação a doença

Nessa categoria fala-se de todo material coletado com informações sobre o que as autoridades e profissionais da área da saúde previam para o futuro da doença. Projeções de quando a epidemia iria acabar, quantas pessoas ainda poderiam se infectar com a doença ou quantas pessoas ainda poderiam morrer, além do prognósticos de quantos países seriam afetados e de como isso iria afetar esses países.

Com o surgimento dos medicamentos e das vacinas, o prognóstico passou a ser mais positivo, levando os números, que ainda eram incertos, a uma possível redução. Porém, aqui nessa categoria entram apenas as provisões - e não os números concretos.

Essas estimativas também são calculadas com comparativos com outros surtos do Ebola que ocorreram em outros países e em outras épocas. Foram coletados 46

citações sobre o prognóstico da doença. Veja abaixo alguns trechos que evidenciam os conteúdos dessa categoria:

O CDC (Centro de Controle e Prevenção de Doenças dos Estados Unidos) informou nesta terça (2) que o surto de Ebola na África Ocidental já não pode ser parado. 'Esta é a primeira epidemia de Ebola do mundo e é uma espiral fora do controle' disse o diretor do CDC, Tom Frieden. "Está ruim agora e vai piorar em um futuro muito próximo", completou. (FOLHA DE S. PAULO, 2014, p. A15).

Apesar das medidas, a OMS, prevê que os novos remédios só estarão disponíveis para uso no fim de 2014, sendo incapaz de combater em curto prazo a epidemia em países como Libéria e Serra Leoa. (FOLHA DE S. PAULO, 2014, A8).

Segundo o CDC, na melhor das hipóteses, haverá 27 mil contaminados na Libéria e em Serra Leoa em 20 de janeiro de 2015. Na pior das hipóteses, os infectados podem chegar a 1,4 milhão. (VALLONE, 2012, p. A8)

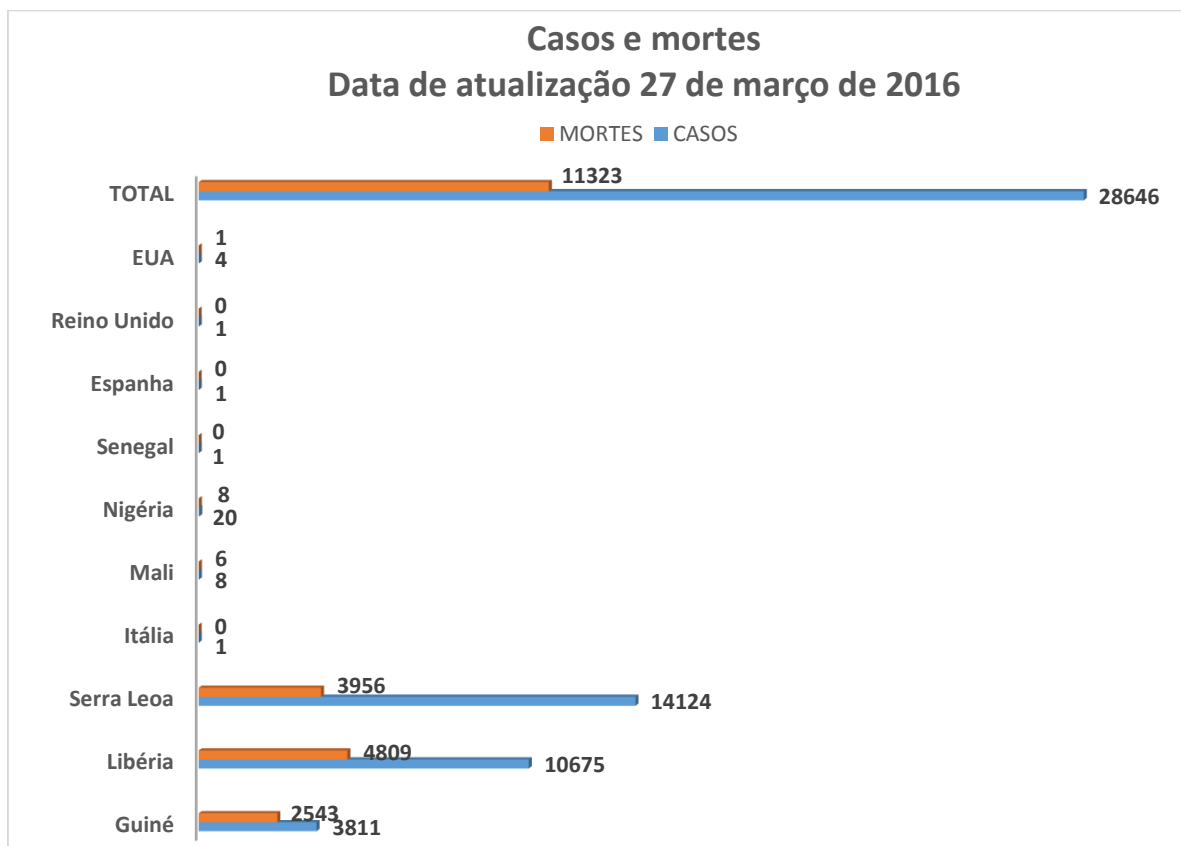
Segundo Kovach e Rosentiel (2003), a mídia pode tornar-se alarmista quando cita dados não confirmados. Observa-se nessa categoria que a Folha de S. Paulo não optou por informar fontes mais negativas em relação ao prognóstico. Das 78 matérias analisadas, apenas em uma havia uma previsão mais positiva.

Nesta terça (23) os Centro e Prevenção de Doenças americanos (CDC) divulgaram as estimativa de que até 1,4 milhão de pessoas poderiam ser infectadas pelo Ebola até janeiro de 2015. O número foi criticado por especialistas, 'É impossível prever quantos casos haverá em quatro meses', afirmou Peter Pior, diretor da Escola de Higiene e Medicina Tropical de Londres. 'A não ser que o CDC tenha dados que ninguém mais tem, é inútil', disse Pior. (FOLHA DE S. PAULO, 2014, p. A20).

Mesmo com diferentes estimativas, a epidemia do Ebola não chegou nem perto de um milhão de infectados. Segundo a OMS, ao fim da epidemia foram computados 11.323 mortes. Porém, é necessário ressaltar que os números computados fazem parte da área controlada pelas ONGs e pelas ajudas humanitárias. Não é possível estimar o números de mortos em aldeias e áreas mais remotas, que não entraram nos cálculos.

A OMS divulgou em março de 2016 o gráfico geral de mortos e infectados por países.

Gráfico 8 – Casos de mortes do Ebola por países



Fonte: SOBRINHO (2016) – Adaptação e tradução a partir dos dados da OMS.

Ao contrário das estimativas apresentadas durante a cobertura, foi possível controlar a epidemia e evitar que os números aumentassem.

Porém vale ressaltar que o valor negativo dos prognósticos geram maior alarde na mídia, a amplificação do risco tem um valor de notícia maior do que se o prognóstico fosse positivo. Acaba-se por valorizar o lado negativo dos acontecimentos.

6.2.6 Sobre o Ebola, o que é a doença?

Na última categoria analisada estão todas as informações sobre a doença, estudos sobre o vírus e suas variações: onde o surto se iniciou; como ele age ao corpo; qual o histórico da doença. Nessa categoria estão os textos que trazem os esclarecimentos sobre o Ebola.

O surto do Ebola da África, que iniciou-se em 2014, foi transmitido através de morcegos, animal considerado hospedeiro da doença. Porém, os surtos epidêmicos dessa doença ocorrem na África desde 1976, quando houve o surgimento da doença. Os morcegos são não-reagente ao filovírus, da família patogênica do Ebola, por isso, podem estar carregando o vírus por milhares de anos ao longo da evolução de suas espécie. O que ainda não foi identificado é como os humanos se infectam - pode ser através de sua caça (a população estaria consumindo carne de morcego) ou através do contato com macacos, que poderiam estar infectados pelo contato com o morcego. Existem vários tipos de morcegos espalhados pelo mundo, mas nem todos carregam o vírus do Ebola, e os que carregam, não carregam necessariamente o tipo do vírus mais perigoso e fatal.

A maneira como essas informações são expostas é muito importantes, porque quando se lê que uma comunidade africana se alimenta de morcegos, é possível que populações não habituadas a esse consumo critiquem o estilo de alimentação ou hábitos culturais por serem diferentes dos seus. Porém, recusar ou ignorar a cultura do outros é um fator desumanizador pontuado por Ijuim (2012).

O Ebola é transmitido por meio do contato com fluidos corporais (sangue, suor, fezes). Desde o início da epidemia, no ano passado, 23.983 pessoas foram contaminadas e 9.823 morreram. (MELLO, 2014, p. A12.)

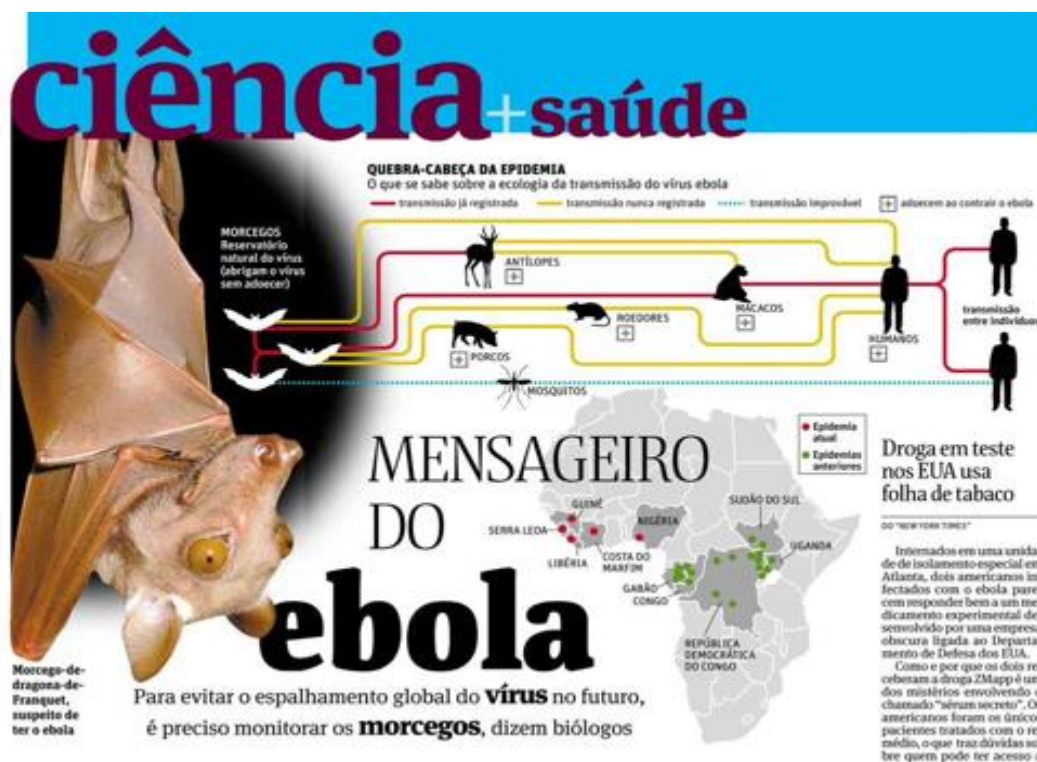
A ONG EcoHealth Alliance acaba de publicar um levantamento sobre o filovírus, a família do patógeno do Ebola. O estudo mostra que morcegos frugívoros podem ser a razão pela qual uma epidemia, antes presente da África Central eclodiu agora também na África Ocidental. (GARCIA, 2014, p. A19)

A doença, contraída a partir de contato com fluidos corporais de pessoas ou animais infectados, tem sintomas que incluem vômitos, diarreia e sangramento. Sua taxa de mortalidade pode chegar a 90% - no atual surto está com 60%. Não há vacina para a doença. (FOLHA DE S. PAULO, 2014, p. A11)

Nas matérias analisadas na Folha de S. Paulo pode-se notar que prevaleceu as premissas do jornalismo informativo sobre as matérias produzidas, o que era meramente “educativo” sobre o Ebola como doença e vírus. Observa-se também o uso de muitos infográficos nas matérias que cumprem este papel de esclarecer o que é a doença, como ocorre o processo de contágio, etc., como forma de facilitar o entendimento do leitor.

Nessa categoria encontram-se as matérias de caráter educativo, porém nota-se que, apesar de informar os leitores, não há relatos sobre como os africanos possuem essas informações, e se possuem. Qual seria o entendimento das vítimas sobre a doença? As fontes dessa categoria se restringem aos profissionais da área de saúde. Mesmo sendo um surto recorrente na África, o vírus do Ebola que gerou a epidemia de 2014 seria o mais forte entre eles. Está localizada nessa categoria as principais informações sobre o vírus, parte muito importante, pois assim educa-se o leitor sobre o que é o Ebola. Mesmo o jornal circulando em um país geograficamente distante, educar a população torna-se relevante quando há um risco de epidemia global. Educar a população evitaria a caça de animais para ao consumo da carne do morcego, por exemplo. No Brasil não há o hábito de consumo dessa carne, mas deixa claro para o leitor de onde veio a doença. Ijum (2012) diz que o saber é uma das causas que colaboram para um sociedade mais humanizadora.

Figura 1 – Infográfico Folha de S. Paulo, 9 de agosto de 2014



Fonte: FOLHA DE S. PAULO (2014)

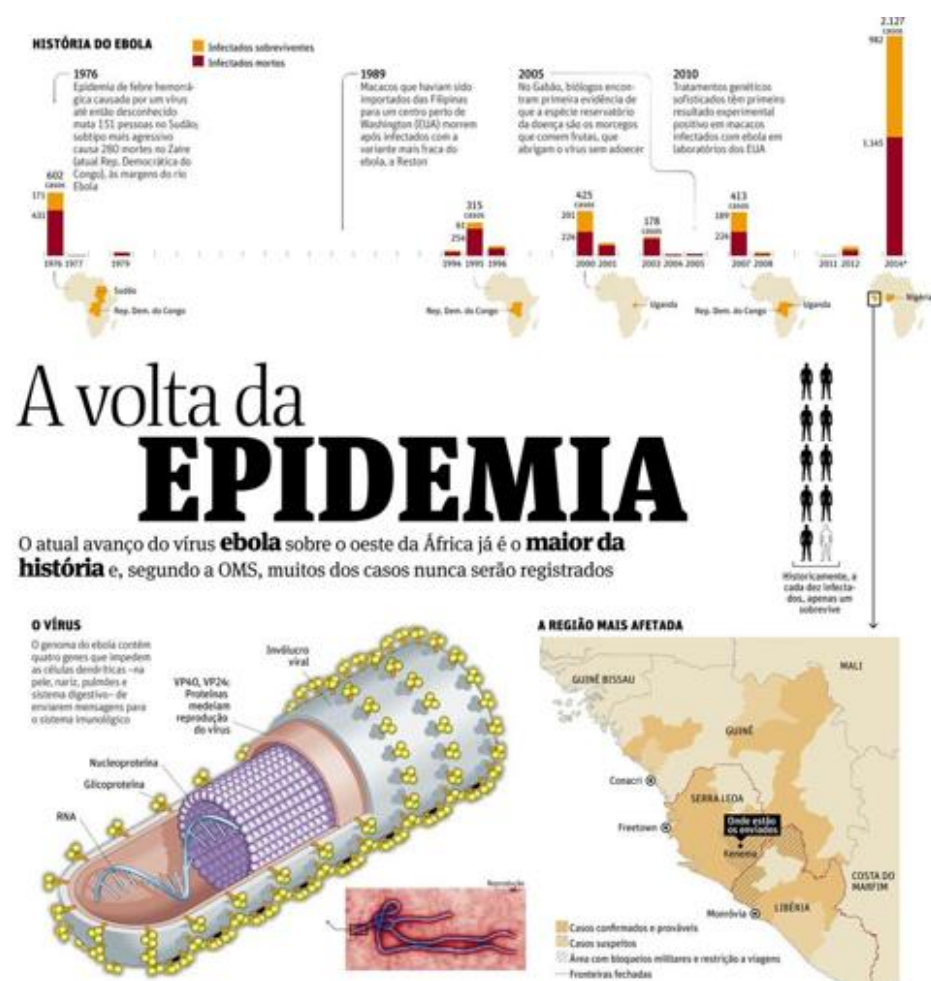
As informações sobre o Ebola se tornaram repetidas ao longo da análise da cobertura, pois sempre havia um ponto ou outro a ser reiterado. Salienta-se que é de

extrema importância disseminar todos os fatores informativos sobre a doença, a fim de esclarecer e gerar uma posição de prevenção.

A doença Ebola, cuja taxa de mortalidade chega a 90% é causada por vírus do mesmo nome. O primeiro surto do ebola foi em 1976 no Sudão e na República Democrática do Congo. O vírus é transmitido aos humanos pelo contato com sangue ou secreções de animais infectados, como chimpanzés e morcegos. Entre humanos, a forma de contaminação é a mesma. Os sintomas que inicialmente são febre, fraqueza e dores levam de 2 a 21 dias para se manifestarem. Posteriormente há diarreia, vômito, disfunção no fígado e rins e, em alguns casos sangramento interno e externa. Ainda não há tratamento específico nem vacina contra o Ebola. (FOLHA DE S. PAULO, 2014, p. 7)

Abaixo temos um exemplo de infográfico produzido pela Folha sobre a trajetória histórica da doença.

Figura 2 – Infográfico Folha de S. Paulo, 17 de agosto de 2014



Fonte: FOLHA DE S. PAULO (2014)

É importante para o leitor também saber como a doença surge e os motivos pelos quais se espalham. Saber da cultura, da situação social e econômica dos países atingidos ajuda a imaginar como é a vida nesses países, colaborando para que todos respeitem as diferenças, os ideais e as crenças de outros povos. Através do conhecimento, minimiza-se o pânico e o alarde, pois sabe-se exatamente sobre o que está sendo tratado.

.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O jornalismo humanizado pressupõe elementos essenciais no fazer jornalístico, tais quais: pôr o ser humano em valor central; respeitar a cultura do próximo, não incitar a violência ou a agressão; agir com ética, fugindo da capitalização dos veículos, evitar fórmulas engessadas, como o lide; evidenciar o valor da vida humana, colocando os personagens em suas histórias reais e evitar um jornalismo feito somente de números.

De acordo com o problema e os objetivos indicados, verificar quais são as questões humanizadores no jornalismo e identificar quais fatores deste jornalismo aparecem na cobertura da epidemia do ebola no jornal Folha de S. Paulo, aponta-se que o jornal não utiliza, de forma preponderante, os pontos humanizadores citados por Ijuim (2012). O que se pode constatar é que a Folha de S. Paulo, durante a cobertura analisada, fez um jornalismo baseado em números/estatísticas, típico do jornalismo meramente informativo, alimentado por agências de notícias e declarações de fontes oficiais. Isso confirma uma das hipóteses deste trabalho: a de que não há jornalismo humanizado (ao menos de forma expressiva) neste jornal de referência. Falta valor humano, pois os dados mostram quantidades, mas não há relatos de quem são essas pessoas, quais suas histórias. O personagem das matérias não é colocado em destaque, como valor central.

Outra hipótese levantada baseia-se no fato de, quando o profissional vivencia a tragédia, ser mais fácil trazer elementos do jornalismo humanizado - que também foi confirmada. Verificaram-se que as notícias mais humanizadoras, em que se coloca o ser humano como valor central, foram aquelas produzidas pela jornalista Patrícia Campos Mello, quando esteve presente em Serra Leoa, país mais atingido pelo vírus. O jornal em análise, quando teve jornalista diretamente no local da epidemia, alterou o jornalismo que estava sendo feito, valorizando as histórias de vida em detrimento do aumento do número de infectados. Destaca-se, contudo, que este período é bastante pequeno em relação aos anos da epidemia em que as estatísticas predominaram.

Com a pesquisa, notou-se que há um predomínio de fontes oficiais, ligadas ao poder político ou à área da Ciência. Apesar da Folha de S. Paulo sempre utilizar fontes especialistas e autoridades, verificou-se poucas fontes que “sentiram na pele” os impactos da epidemia. Embora os pacientes representassem risco de morte para os

jornalistas, a população local não doente também não é escutada. Abaixo vemos o panorâma da predominacia em escutar órgãos oficiais, autoridades e profissionais da área da saúde.

Tabela 1 – Quantidade de citações por fonte de informação

QUANTIDADES DE FONTES DE INFORMAÇÕES POR MESES ANALISADOS								
FONTES	SAÚDE	OMS	ONU	ONGs	AUTORIDADES	ESTADOS	VÍTIMAS	OUTROS
TOTAL	58	51	9	16	94	37	19	30

Fonte: SOBRINHO (2016)

Outro fato localizado é que a Folha de S. Paulo distingue o tratamento do matéria produzida pela proximidade geográfica e relevância política-econômica dos países alvo da epidemia. Ficou clara a importância dada pelo jornal quando um americano se infectou com o Ebola e, por outro lado, da falta de interesse quando o Ebola só afetava a África. O jornal ainda evidencia muito a opinião e os receios de outros países, em especial os europeus e norte-americanos, não dando espaço ou voz ao países africanos, onde ocorria o surto do Ebola.

Como já apresentado, para alguns a mídia é alarmista, enquanto para outros ela tem papel de informar e dar destaque para um epidemia de risco global. No caso da Folha de S. Paulo, identificou-se um esforço para esclarecer sobre a doença, porém, calcada no aumento do número de mortos e possíveis infectados – algo que, mais tarde, não foi comprovado – o número de mortos e infectados ficou abaixo das expectativas divulgadas pelas estatísticas. A cobertura especulativa, ainda que respaldada em fontes oficiais, tende a atrair o público, mas, por outro lado, não geram entendimento do contexto. A frequência de notícias associadas ao crescimento dos impactos negativos derivados do Ebola podem gerar alarde e, inclusive, desumanização.

A Folha de S. Paulo, jornal impresso de maior circulação do país, tem responsabilidade com a sociedade, especialmente quando cobre assuntos sensíveis, associadas ao risco de morte e ao avanço de uma epidemia. O estudo sugere que o jornalismo, sempre que possível, deve utilizar os preceitos do jornalismo humanizado a fim de aproximar contextos e culturas dos acontecimentos, especialmente quando tratamos de coberturas de âmbito global. É através da leitura feita pelo jornal que a sociedade tem a oportunidade de conhecer os fatos e de sensibilizar com eles. Por isso, a discussão sobre a humanização dos fatos é relevante.

Ao longo deste trabalho, encontrou-se várias barreiras, pois o jornalismo humanizado ainda é um questão pouco abordada no Brasil e, quando abordada, discute questões de narrativa, como o uso de jornalismo literário nas redações. É claro que a linguagem literária torna os textos mais humanizadores, mas é preciso perceber que o material produzido também tem que ser humanizador. As informações inseridas nas matérias devem representar as “dores do mundo”. Mudar a forma de escrever ajuda, mas não é só isso. É preciso tirar o foco dos dados, usar fontes de informação diversas, mantendo sempre o personagem e seu enredo como fonte principal do acontecimento. É necessário dar voz às vítimas. Nesse caso, dar mais ênfase à população dos países afetados que foi pouco ouvida.

Observa-se que o Folha de S. Paulo, jornal considerado de referência no país, não apresenta ao longo desta cobertura os preceitos humanizadores, o que nos leva a refletir sobre como outros jornais, com ainda menos recursos humanos e financeiros – logo, dependentes das agências de notícias e fontes oficiais – tratam estes assuntos. Será que há humanização no fazer jornalísticos de modo geral? Se não encontramos tais preceitos humanizadores, como será que a sociedade está sendo informada e educada por meio da mídia? É necessário reforçar a importância ética e moral na produção de conteúdos jornalísticos que, se mal produzidos, podem gerar resultados negativos à população.

Ao longo da epidemia do Ebola pode-se notar a discrepância da importância entre a população africana e a população americana e europeia. Choca-se ao descobrir que o número de matérias aumentam em cerca de seis vezes quando há a notícias de um médico norte-americano infectado (agosto de 2014).

Tabela 2 – Total de matérias publicadas pela Folha de S. Paulo com a citação da palavra “Ebola”

MESES	TOTAL	MESES	TOTAL	MESES	TOTAL
		jan/15	13	jan/16	6
		fev/15	12	fev/16	15
		mar/15	10	mar/16	10
abr/14	4	abr/15	4	abr/16	21
mai/14	2	mai/15	9	mai/16	2
jun/14	2	jun/15	3	jun/16	1
jul/14	17	jul/15	1	jul/16	3
ago/14	104	ago/15	4		
set/14	36	set/15	3		
out/14	111	out/15	0		
nov/14	26	nov/15	7		
dez/14	60	dez/15	6		

Fonte: SOBRINHO (2016)

Apesar do Ebola parecer distante, por conta da localidade geográfica em relação ao Brasil, não se deve esquecer que no nosso país também ocorrem graves surtos epidemiológicos, como dengue, zika vírus, entre outros. Além das epidemias, o jornalismo humanizado também estuda casos de desastres naturais, como o que ocorreu em Mariana (MG) e casos de conflitos armados, como guerras civis. Tratar com humanização esse fatos é dar ouvidos as pessoas que passaram por esses desastres, e não apenas reafirmar a cada notícia a quantidade de perdas. Sem colocar as pessoas como valor central da notícia, impossibilita o leitor de entender e respeitar a dor do próximo, assim como aproximá-los dos fatos.

É possível ainda, a partir dessa pesquisa, motivar outros estudos sobre o jornalismo humanizado, com outro jornal de referência ou outro veículo, ou com outras temáticas que costumam ser abordadas de forma desumanizada. Dessa forma, contribui-se para a expansão dos estudos nessa área, que são poucos.

Entende-se, por fim, que levar o jornalismo humanizado para estudos de formação de profissional é tão importante quanto outras matérias, mais técnicas, pois sensibiliza a visão do futuro profissional, que ajuda a construir um olhar diferente ao jornalismo. Assim, a humanização acaba fomentando a produção de um jornalismo mais igualitário no que diz respeito às divisões de classes, raças, culturas e etnias.

REFERÊNCIAS

África tenta evitar que ebola se espalhe: Nigéria põe hospital em quarentena, e Libéria fecha fronteiras para isolar o maior surto da doença da história. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, p. A15, 29 jul 2014.

Austrália nega visto a cidadãos de países atingidos pelo ebola: Medida do governo recebe críticas de especialistas de saúde. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, p. A14, 29 de out 2014

ANJ – **Associação Nacional dos Jornalistas**. Disponível em: 16 <http://www.anj.org.br/maiores-jornais-do-brasil/>. Acesso em: 14 abr 2016

BARDIN, Lawrence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal: Edições 70, LDA, 2009.

BAUER, Martin W. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. In. BAUER, Martin W.,; GASKELL, George (orgs). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Petrópolis: Vozes; 2002. p.189-217.

BAUMAN, Zygmunt. **Tempos líquidos**; tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007

BAUMAN, Zygmunt. **A sociedade e o Holocausto**; tradução de Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed; 1998.

BRASIL, Constituição. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

Brasil registra 1º caso suspeito de ebola: Em cascavel (PR), homem vindo da Guiné, na África, foi isolado em unidade de saúde, que teve de ser esvaziada. **Folha de São Paulo**, São Paulo, p. C1, 10 out 2014.

BRUM, Eliane. *Apud* Nascimento, Patrícia. **A presença do jornalismo humanizado nas crônicas do livro “A vida que ninguém vê”**. INTERCOM – XVII Congresso de Ciência da Comunicação na Região Nordeste – Natal – RN – 02 a 04/07/2015

CABRAL, João Francisco Pereira. **A diversidade cultural em Lévi-Straus**. Brasil Escola. Disponível em: <<http://brasilecola.uol.com.br/filosofia/a-diversidade-cultural-levi-strauss.htm>>. Acesso em: 01 jun 2016.

Canadá suspende vistos a países afetados pelo ebola: Criticada, medida proíbe entrada de cidadãos de Libéria, Serra Leoa e Guiné. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, p. A20, 2 nov de 2014.

CARRANCA, Adriana. **O que é jornalismo humanitário?** Blog Do front. São Paulo, 16 de abril de 2014. Disponível em:

<<http://internacional.estadao.com.br/blogs/adriana-carranca/>> Acesso em: 21 mai 2016.

CHERRY, Colin. **A comunicação humana**, Tradução de José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix/Edusp. 1981.

DIREITOS HUMANOS BRASIL. **Violência**. Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/direitos/sos/violencia/violencia.html>. Acesso em: 27 mai 2016.

DIREITOS HUMANOS BRASIL. **Cartilha Cidadania Para Todos**. Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/w3/ceddhc/bdados/cartilha14.htm>. Acesso em: 27 mai 2016.

DIREITO NET. **A igualdade no Estado Democrático de Direito** – Breve análise sobre a igualdade de valor. Disponível em: <http://www.direitonet.com.br/artigos/exibir/7728/A-igualdade-no-Estado-Democratico-de-Direito-breve-analise-sobre-a-igualdade-valor>. Acesso em: 27 mai 2016.

DRAUZIO VARELLA. **Ebola**. 4 de setembro de 2014. Disponível em: <<http://drauziovarella.com.br/letras/e/ebola/>>. Acesso em: 17 abr 2016.

DUARTE JÚNIOR, João Francisco. **O que é realidade**. Coleção Primeiros Passos, Editora Brasiliense. São Paulo, 1994.

Ebola dobra infecções em país africano: surto de ebola, sem relação com epidemia na África Ocidental, avança da República Democrática do Congo. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, p. A19, 12 set 2014.

Ebola está fora de controle, dizem EUA: Agência afirma que epidemia deve aumentar; mais um médico missionário americano é diagnosticado com o vírus. **Folha de São Paulo**, São Paulo, p. A15, 03 set 2014.

Enfermeira é 1ª a contrair ebola nos EUA: Profissional cuidou de liberiano que morreu em hospital do Texas; segundo governo, houve erro de procedimento. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, p. A10. 13 out 2014

EUA ajudarão a combater ebola na África: País anuncia que deslocará 50 profissionais de saúde pública para regiões que concentram o surto letal do vírus **Folha de S. Paulo**, São Paulo, p. A12, 04 ago 2014.

FERNANDES, Adélia B. **Jornalismo, cidadania e direitos humanos: uma relação reflexiva no espaço público**. Salvador/ BA. INTERCOM (2002)

FERNANDES, Priscila Dantas. OLIVEIRA, Kecia Karina Santos de. Violência escolar na percepção dos professores. In: **Anais do VI fórum identidade e alteridades e II Congresso nacional educação e diversidade**. Itabaiana, novembro de 2013. Disponível em: http://200.17.141.110/forumidentidades/VIforum/textos/Texto_VI_Forum_56.pdf. Acesso em: 02 jun 2016.

FLECK, Isabel; VALLONE, Giuliana. Obama pede mais esforços contra o Ebola: Presidente dos EUA afirmou que ações até agora não são suficientes para conter surto que matou 2.917 na África. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, p.A24, 26 set 2014.

FLECK, Isabel. Surto do Ebola não serviu de lição, diz diretor: Para documentarista belga que acompanhou epidemia, erros se repetirão se o vírus voltar. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, p.A13, 16 mar 2016.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. 12ª Edição. Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1979

FONSECA JUNIOR, Wilson Corrêa. **Análise de Conteúdo**. In: Duarte, Jorge; BARROS, Antônio (orgs). Métodos e técnicas de Pesquisa em Comunicação. São Paulo: Atlas, 2005.

GARCIA, Rafael. Mensageiro do ebola: Para evitar o espalhamento global do vírus no futuro, é preciso monitorar os morcegos, dizem biólogos. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, p. A9 ago 2014.

GIL, Antônio Carlos. **Projeto de Pesquisa**. 3ª edição, São Paulo: Atlas, 1996. IJUIIM, Jorge Kanehide. Humanização e Desumanização no jornalismo: algumas saídas. **Revista Comunicação Midiática**, v.7, n.2, maio/ago, 2012. p.117-137.

IJUIIM, Jorge Kanehide. **Humanização e Desumanização no jornalismo: algumas saídas**. Revista Comunicação Midiática, v.7, n.2, p.117-137, maio/ago.2012. Florianópolis. SC.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo**. Trad. Waldir Dupont. São Paulo: Geração Editorial, 2003.

KPODO, Kwasi. Africanos pedem verba para combater ebola: Para OMS, surto de doença, que já matou 467 no oeste do continente, é o maior da história. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, p. A15, 03 jul 2014.

LEITÃO DA GRAÇA, Camilo Q. **A atualidade dos estudos 'políticos' africanos**. Cabo Verde, 2012. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/africa/article/view/102612>. Acesso em: 20 dez 2016.

Libéria pede doações de sangue para tratar ebola: Sangue de sobrevivente é indicado para prevenção e tratamento da doença. **Folha de São Paulo**. São Paulo, p. A20, 25 set 2014.

LIMA, Cláudia. **A Globalização e os Países do Atual Continente Africano**. 2003. Disponível em: http://www.claudialima.com.br/pdf/A_GLOBALIZACAO_E_OS_PAISES_DO_ATUAL_CONTINENTE_AFRICANO.pdf. Acesso em: 15 nov 2016.

MCNEIL JR, Donald G. Países africanos utilizam 'cordão sanitário' para tentar conter o ebola: Área de isolamento ficará entre Guiné, Libéria e Serra Leoa, onde doença matou mais de mil. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, p.A12, 14 ago 2014.

MARTINS COSTA, Luciano. **Zygmunt Bauman: vivemos tempos líquidos, nada é para durar**. Disponível em: <http://jornalggn.com.br/noticia/zygmunt-bauman-vivemos-tempos-liquidos-nada-e-para-durar> Acesso em: 23 mai 2016.

MEDINA, Cremilda. Narrativas de contemporaneidade, caos e diálogo social. In: MEDINA, Cremilda; GRECO, Milton (orgs). **Caminhos do Saber Plural: dez anos de trajetória**. São Paulo: ECA/USP, 1999. p. 23-36

MELLO, Patrícia C. Órfãos do ebola são dilema para Serra Leoa: País africano estima que 10 mil crianças tenham perdido pai ou mãe para o vírus; maioria não tem com quem ficar. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, p. A14, 31 mai. 2015.

MELLO, Patrícia C. Último paciente com vírus do ebola na Libéria recebe alta: se não houver nenhum novo caso em 42 dias, epidemia terá acabado no país. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, p. A12, 06 mai. 2014.

MELLO, Patrícia C. Descontrole impulsiona ebola na África: Governos adotam medidas radicais, como proibir apertos de mãos, mas isolamento de regiões mais afetadas é falho. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, p. A17, 17 ago. 2014.

MELLO, Patrícia C. Ebola por dentro: Hospital na selva de Serra Leoa (África) atende 80 doentes; médicos têm de seguir regras rígidas para não correrem o risco de serem infectados. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, p. A14, 19 ago 2014.

Morre médico que liderava combate a ebola: Virologista de Serra Leoa contraiu o vírus na semana passada; 2 companhias aéreas regionais suspendem voos. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, p. A11, 30 jul 2014

Número de mortes por ebola chega a 2.105, afirma OMS: Pior surto da doença na história da África Ocidental já teve quase 4.000 registrados em cinco países. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, p. 7, 6 set 2014.

OBSERVATÓRIO DA IMPENSA. **Entrevista com Zygmunt Bauman**. Vídeo (52:24). Disponível em: <<http://observatoriodaimprensa.com.br/oitv/entrevista-com-zygmunt-bauman/>> Acesso em: 21 mai 2016.

OMS diz que epidemia do ebola foi 'amplamente subestimada': números de mortos pelo surto da África ocidental sobre para 1.145. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, p. A26, 16 ago 2014.

OMS alerta para avanço rápido do ebola: Em reunião com líderes africanos, chefe de entidade prevê consequências catastróficas se doença não for contida. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, p. A17, 2 ago 2014.

OMS pede medida drástica contra maior surto de ebola: Organizações internacionais prometem apoios financeiros a países africanos. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, p. A14, 4 jul 2014.

OMS analisa tratamento contra o ebola: Especialistas estudarão viabilidade de dez terapias, mas remédio deverá estar disponível somente no fim do ano. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, p. A15, 05 set 2014.

OMS declarará Guiné, onde surgiu epidemia de ebola, livre de vírus: País registrou 2.500 mortes decorrentes de doença; Libéria ainda está em observação. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, p. A8, 30 dez 2015

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Organização mundial da saúde identifica países em risco de epidemia de ebola**. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/organizacao-mundial-da-saude-identifica-paises-em-risco-de-epidemia-de-ebola/>. 1º de setembro de 2014. Acesso em: 13 abr 2016.

Pena, Felipe. **Teoria do Jornalismo**. São Paulo: Editora Contexto, 2005.

PORTELA, Rone. Blog Viver Feliz. **O poder das escolhas e o poder de escolher o melhor pra sua vida**. Disponível em: <http://www.blogviverfeliz.com.br/o-poder-da-escolha-voce-tem-o-poder-de-escolher-o-melhor-para-sua-vida/>. Acesso em: 12 jun 2016.

PRADO, Dom Lourenço de Almeida. Centro Cultural Esplanada. **Visão humanista de um educador**. Disponível em: <http://esplanada.org.br/index.php/blog-do-ivan/64-visao-humanista-de-um-educador>. Acesso em: 12 jun 2016.

Programa Invenção do Contemporâneo – Luiz Felipe Pondé – **A pós modernidade**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gx-tRVyMphk>. Acesso em: 21 mai 2015.

Programa Observatório da Mídia. **Ebola e a Mídia**. Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/oitv/ebola-e-a-midia/>. Acesso em: 12 mai 2016.

PULEDDA, Salvatore. Apud IJUIM, Jorge Kanehide. **Humanização e Desumanização no jornalismo: algumas saídas**. Revista Comunicação Midiática, v.7, n.2, p.117-137, maio/ago.2012. Florianópolis. SC.

RODRIGUES COBOS, Mario Luiz. Blog do Marco. **Projetos Sociais, ativismo e movimentos humanistas**. Disponível em: <https://marcoblog.org/projetos-sociais/ativismo/movimento-humanista/>. Acesso em: 14 abr 2016.

RODRIGUES, Maria Inês. Blog Zeni Educa **A educação como processo de humanização**. Disponível em: www.zenieduca.blogspot.com.br/a-educacao-como-processo-de-humanizacao. Acesso em: 12 jun 2016.

RUSSEL, Bertrand. **Ética e política na sociedade humana**. Tradução de Nathanael C. Caxoeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

SPAGOLLA, Rosimeire de Paula. Afetividade: **Por uma educação humanizada e humanizadora**. São Paulo. 2005

UYTDENBROEK, Xavier. **Frente a morte relacional, a necessidade de um novo humanismo fundado no diálogo freiriano**. Recife. 2001. Disponível em: <http://www.paulofreire.ufpb.br/paulofreire/Files/seminarios/oral08.pdf>. Acesso em: 19 dez 2016.

VALLONE, Giuliana. Até cem pessoas nos EUA podem ter se exposto a ebola: Indivíduos teriam tido contato com infectado após manifestação da doença. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, p. A8, 3 out 2014.

WEBER, Max. A política como vocação. In: WEBER, Max. **Sociologia e política: duas vocações**. São Paulo, Cultrix, 1985.

YOUTUBE. **Zygmunt Bauman - Sobre os laços humanos, redes sociais, liberdade e segurança**. Vídeo (6:19) Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LcHTeDNlU> Acesso em: 21/05/2016.

ZAMIN, Ângela. Jornalismo de referência: o conceito por trás da expressão. **Revista FAMECOS**, v 21, n. 3, set-dez de 2014. p. 918-942.